

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

AURENI PEREIRA LIMA RABÊLO

**OS DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE À INDISCIPLINA
ESCOLAR**

Rosário - Ma

2016

AURENI PEREIRA LIMA RABÊLO

**OS DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE À INDISCIPLINA
ESCOLAR**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Orientador(a): Alda Margarete Silva Farias
Santiago.

Rosário - Ma

2016

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a). Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Rabêlo, Aurení Pereira Lima.

OS DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE À INDISCIPLINA ESCOLAR / Aurení Pereira Lima Rabêlo. - 2016.

68 p.

Orientador (a): Alda Margarete Silva Farias Santiago.

Monografia (Pós Graduação) - Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Universidade Federal do Maranhão, Rosário, 2016.

1. Coordenador Pedagógico. 2. Educador/Educando. 3. Escola. 4. Família. 5. Indisciplina. I. Santiago, Alda Margarete Silva Farias. II. Título.

AURENI PEREIRA LIMA RABÊLO

**OS DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE À INDISCIPLINA
ESCOLAR**

Monografia apresentada para fins de
conclusão do curso de Pós-graduação Lato
Sensu de Coordenação Pedagógica do
Programa de Pós-Graduação em Educação,
da Universidade Federal do Maranhão,

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Alda Margarete Silva Farias Santiago
Prof. Mesc.

Lindalva Maia Maciel

Talita de Jesus Martins da Silva

Aos meus filhos Ana Paula e Pedro Sérgio,
pelo amor, compreensão, incentivo e
parcerias nessa significativa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por sempre estar presente em minha vida, não apenas nos momentos de alegria, mas principalmente nos mais difíceis e pela oportunidade de chegar até aqui. Em segundo lugar aos órgãos responsáveis pela oferta deste curso: Ministério da Educação – MEC, Universidade Federal do Maranhão – UFMA por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, Governo do Estado do Maranhão, Secretaria de Educação do Estado e a União dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME, sem estes jamais estaria concretizando essa etapa. E posteriormente a minha orientadora Alda Margareth Silva Farias Santiago, pelos momentos de conversas, trocas, de parceria e incentivo nas minhas fraquezas. Aos orientadores de cada Sala Ambiente pelas valiosas contribuições nos conhecimentos compartilhados. A tutora do curso professora Marinalva Castro pela dedicação, esforço e que incansavelmente me encorajava com suas palavras de incentivo para que eu não desistisse. A minha família, filhos e esposo pelo amor, paciência e encorajamento durante o processo de construção desta monografia. Agradeço também a secretária de educação do município de Presidente Juscelino, Francirene Batalha pela sua solidariedade e compreensão. A amiga Evanéa Muniz Rodrigues pelo carinho, companheirismo e cumplicidade durante a nossa participação neste curso de pós-graduação. A professora Gêelma Moura pela colaboração e parceria e aos meus colegas de turma pela troca de experiências. A estes, meus sinceros agradecimentos.

“Por uma educação que nos ajude a pensar
e não que nos ensine a obedecer”.

Autor desconhecido

RESUMO

O referido trabalho teve como objetivo refletir sobre a atuação do coordenador pedagógico frente aos desafios da indisciplina na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, a fim de investigar os principais agravantes que concerne à indisciplina no contexto educacional. Nas últimas décadas, os estudos sobre indisciplina escolar vêm se destacando no campo da pesquisa educacional em diferentes países. O conceito de indisciplina tornou-se produtivo não somente para descrever determinadas situações e contextos de sala de aula, mas tem servido para endereçar reflexões sobre diversos aspectos concernentes às relações e às práticas pedagógicas na escola (AMADO, 2001; ESTRELA, 1994; XAVIER, 2002 apud GARCIA, 2009). A partir da análise histórico-social da indisciplina e de como ela influencia nas mais diversas dimensões sociais e muito fortemente na escola é que a referida pesquisa traz em suas seções uma abordagem histórica do papel do Coordenador Pedagógico, da indisciplina e o seu processo de significação, abordando no decorrer dessa análise o histórico da unidade escolar, bem como o contexto da indisciplina no seu interior. Para a base sólida da pesquisa utilizou-se de fontes bibliográficas, pesquisa de campo e entrevista com uma pequena parte dos partícipes da comunidade escolar, buscando um referencial nos dados coletados para fortalecer a abordagem aqui referenciada. É essencial que o coordenador pedagógico não se prenda ao imediatismo no seu trabalho, mas que faça uma leitura crítica da realidade e também uma reflexão. Que faça recortes sociais, que considere o contexto educacional do seu país, da sua cidade, da instituição na qual atua e que consiga analisar as particularidades do seu local de trabalho e dos educandos. Portanto, é necessário que haja uma reflexão contínua, principalmente por parte dos coordenadores pedagógicos, bem como dos profissionais da educação, acerca da serventia da educação na atualidade frente aos desafios e atuação do coordenador pedagógico na tentativa de contribuir com a escola para diminuir a indisciplina.

Palavras-chave: Coordenador Pedagógico. Indisciplina. Escola. Família. Educador-Educando.

ABSTRACT

The objective of this study was to reflect on the pedagogical coordinator 's role in facing the challenges of indiscipline in the Eleodória Elementary School Jacinta Cantanhêde, in order to investigate the main aggravating factors related to indiscipline in the educational context. In the last decades, the studies on school indiscipline have been emphasizing in the field of educational research in different countries. The concept of indiscipline has become productive not only to describe certain situations and contexts of the classroom, but has served to address reflections on several aspects concerning the relationships and pedagogical practices in the school (AMADO, 2001; Xavier, 2002 apud GARCIA, 2009). From the historical-social analysis of indiscipline and how it influences in the most diverse social dimensions and very strongly in the school is that said research brings in its sections a historical approach to the role of Pedagogical Coordinator, indiscipline and its process of signification , In the course of this analysis approaching the history of the school unit, as well as the context of the indiscipline in its interior. For the solid base of the research, we used bibliographical sources, field research and interviews with a small part of the participants of the school community, seeking a reference in the collected data to strengthen the approach referenced here. It is essential that the pedagogical coordinator does not attach to the immediacy of his work, but that he critique the reality and also a reflection. Make social cuts that consider the educational context of your country, your city, the institution where you work and that can analyze the particularities of your workplace and learners. Therefore, it is necessary that there is continuous reflection, especially on the part of the pedagogical coordinators, as well as of the education professionals, on the current educational use of the challenges and the pedagogical coordinator in the attempt to contribute with the school to reduce the indiscipline .

Keywords: Pedagogical Coordinator. Indiscipline. School. Family. Educator-Educating.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Casos comuns de indisciplina na escola.....	44
Gráfico 2 - Configuração da indisciplina escolar.....	45
Gráfico 3 - A importância da escola.....	46
Gráfico 4 - Familiar que acompanha a vida escolar.....	47
Gráfico 5 - Classificação da sala de aula.....	48
Gráfico 6 - Aulas que motivam os alunos.....	48
Gráfico 7 - Atividades de combate à indisciplina.....	49
Gráfico 8 - Concepção de indisciplina.....	49
Gráfico 9 - Medidas disciplinares adotadas.....	50
Gráfico 10 - Suspensão como solução punitiva.....	50
Gráfico 11 - Estratégia para combater a indisciplina.....	51
Gráfico 12 - Visão da família sobre a indisciplina.....	53
Gráfico 13 - Frequência da família na escola.....	53
Gráfico 14 – Episódio de indisciplina.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grau de gravidade dos tipos de indisciplina (resposta dos educadores).....	46
Tabela 2 - Grau de gravidade dos tipos de indisciplina (resposta dos gestores).....	52

LISTA DE SIGLAS

TVE - TV Escola

AOSD - Auxiliar Operacional de Serviços Diversos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

CFC - Clorofluorcarbonetos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS	16
2.1 Antecedentes histórico-educacionais ao surgimento do cargo.....	16
2.2 Caracterização/papel do coordenador pedagógico.....	20
3 A INDISCIPLINA ESCOLAR E O SEU PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO	24
3.1 Socialização, valores e moral como determinantes da vida social.....	24
3.2 O significado da indisciplina escolar no contexto das relações sociais.....	26
4 A UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA CANTANHÊDE	29
4.1 Histórico da Unidade Escolar.....	29
4.2 A caracterização da indisciplina na unidade escolar.....	31
4.3 Indisciplina e Família.....	32
4.4 Indisciplina e sociedade.....	33
4.5 Indisciplina e professor.....	35
4.6 Indisciplina e escola.....	36
4.7 Indisciplina e aluno.....	40
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	43
5.1 Resultados obtidos com as entrevistas	43
5.1.1 Analisando as respostas dos docentes.....	43
5.1.2 Analisando as respostas dos educandos.....	46
5.1.3 Entrevista dos gestores.....	51
5.1.4 Analisando as respostas das famílias.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	60

1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho teve como objetivo refletir sobre a atuação do coordenador pedagógico frente aos desafios da indisciplina na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, a fim de investigar os principais agravantes que concerne à indisciplina no contexto educacional.

Nas últimas décadas, os estudos sobre indisciplina escolar vêm se destacando no campo da pesquisa educacional em diferentes países.

O conceito de indisciplina tornou-se produtivo não somente para descrever determinadas situações e contextos de sala de aula, mas tem servido para endereçar reflexões sobre diversos aspectos concernentes às relações e às práticas pedagógicas na escola (AMADO, 2001; ESTRELA, 1994; XAVIER, 2002 apud GARCIA, 2009).

A discussão acerca dos conflitos existentes no contexto educacional em pleno século XXI tem sido uma das preocupações da maioria dos profissionais que atuam neste cenário, e buscam uma justificativa para explicar a existência desse fenômeno tão presente. A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse e conflito nas relações interpessoais, principalmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Envolve diferentes aspectos e fatores que contribuem para o desinteresse do educando e para o baixo rendimento escolar. Para além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

Dentro desse contexto, considerar a história é preponderante para a análise dessa questão, uma vez que a indisciplina não tem um conceito estático. Ela deriva da disciplina, ambas passam por um processo de significação que acompanha o movimento da história e das relações sociais. Nesse sentido, o contexto histórico, social e político de uma determinada sociedade vão delinear e influenciar valores, moral, conceitos e consequentemente instituições como a escola.

O ingresso no curso em Coordenação Pedagógica favoreceu o aprimoramento nas várias esferas do contexto educacional, por meio das fontes teóricas das salas ambiente foi possível conhecer abordagens que reportavam para o papel do coordenador pedagógico na educação básica, seus desafios e perspectivas, sua atuação formadora, articuladora e transformadora no processo ensino e aprendizagem dentro da realidade que está inserido.

As atribuições do coordenador pedagógico também se moldam com o tempo histórico, bem como o trabalho desse profissional diante da indisciplina escolar. A partir dessa análise histórico-social da indisciplina e de como ela influencia nas mais diversas dimensões sociais e muito fortemente na escola é que a referida pesquisa traz em suas seções uma abordagem histórica do papel do Coordenador Pedagógico, da indisciplina e o seu processo de significação, abordando no decorrer dessa análise o histórico da unidade escolar, bem como o contexto da indisciplina no seu interior.

Com o propósito de vivenciar mais intensamente essa realidade na sociedade contemporânea e presenciar como acontece na prática, parti para um campo de observação que viabilizasse a aproximação do contexto da problemática aqui apresentada. Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, que não difere das demais escolas, cujo real problema faz parte também do seu processo educacional. O contexto da indisciplina na escola mencionada se caracteriza por aspectos apontados pelos partícipes do contexto educacional como sendo a causa da indisciplina escolar.

Para alcançar resultados mais indicativos, realizei um trabalho de campo, mediante aplicação de entrevista e observação *in locum*. Utilizei as fundamentações teóricas necessárias para me orientar na elaboração da pesquisa e na leitura dos resultados, bem como para a análise da realidade, no sentido de fortalecer a busca de respostas que viessem confrontar-se com o real quadro existente na escola em foco.

Ao abordar a problemática da indisciplina na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde como um problema emergencial, não poderia deixar de ressaltar a importância da participação da família neste processo para o fortalecimento e estreitamento dos laços entre família e escola. Pois, sabe-se que a função social da escola é propiciar aos educandos conhecimento e contribuir na sua formação cidadã e, para tanto o ideal é que ambas trilhem na mesma direção.

2 A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Para que se compreenda de maneira mais ampla e apurada o objeto de estudo ao qual o pesquisador se debruça é necessário voltar o olhar investigativo para a história, para a dinâmica social que delinea este objeto, para seus determinantes sociais, políticos, econômicos. Uma vez que são as relações sociais que dão forma aos conceitos e às formas das coisas numa determinada sociedade.

Não seria diferente no que aqui se aborda, uma vez que o coordenador pedagógico se insere nesse contexto das relações sociais e da dinâmica histórica da sociedade. Nesse sentido, compreender as configurações atuais desse cargo requer considerar as metamorfoses que ele sofreu no decorrer da história.

2.1 Antecedentes histórico-educacionais ao surgimento do cargo

No quadro histórico educacional, os primeiros a serem considerados como educadores foram os jesuítas, contudo a educação oferecida não tinha um valor social significativo e não era considerada importante, na realidade era uma arma de controle social, onde a tarefa educacional limitava-se a catequese e na instrução aos indígenas.

Em 1549 começou-se a se organizar as atividades educativas no Brasil, no plano de ensino enviado por Manuel da Nóbrega, a ideia de supervisão não se manifesta apesar da função da supervisão estar presente na escola. O plano de instrução estava fundamentado, cuja ideia era formação do homem universal, humanista e cristão e nesse período, a educação era restrita aos filhos da elite (FERREIRA, 2008).

A educação se preocupava com o ensino humanista de cultura geral, e alheio à realidade da vida de colônia, formas dogmáticas de pensamento contra o pensamento crítico maculavam a ação pedagógica dos jesuítas que privilegiavam a memorização e o raciocínio (FERREIRA, 2008).

Deste modo, tornava-se impossível a existência de uma prática pedagógica interessada na busca de uma perspectiva transformadora na educação, segundo Libâneo (2002, p. 54) “É preciso construir uma pedagogia social de cunho crítico que suponha saber como consciência”. O conceito de coordenação pedagógica permanecia presente,

embora focado nos aspectos político-administrativos, aspectos de direção, fiscalização, coordenação e orientação de ensino, na figura dos diretores de estudos.

Com a independência do Brasil, é formulada a primeira instrução pública (15/10/1827) que instituía as escolas de primeiras letras baseadas no “Ensino Mútuo”, método que concentra no professor as funções de docência e coordenação, ou seja, instruir os monitores e coordenadores, as atividades de ensino e aprendizagem dos alunos (LIBÂNEO, 2002).

O regulamento educacional do período imperial estabelecia que a função coordenadora devesse ser exercida por agentes específicos para a coordenação permanente, essa missão foi atribuída ao Inspetor Geral que supervisionava todas as escolas, colégios, casa de educação pública e privada (LIBÂNEO, 2002, p.59).

O inspetor geral ainda presidia exames de professores e lhes conferia o diploma, autorizava a abertura de escolas privadas e revisava livros, o inspetor deveria ser um elemento de prestígio pessoal e ter conhecimento com pessoas importantes e com autoridades constituídas (LIBÂNEO, 2002).

Segundo (SAVIANI, 1999 apud MARA, 2009), a função supervisora já se fazia presente desde as comunidades primitivas, onde o modo de produção era coletivo, ou seja, os homens ainda não estavam divididos em classes e produziam tudo em comum, assim se educavam e educavam as novas gerações. Desta forma, a educação coincidia com a própria vida, onde já se fazia presente a função supervisora, isto é, os adultos educavam os mais novos e por meio de uma vigilância discreta, protegiam e orientavam as crianças, supervisionando-as como simples ajuda as suas fraquezas.

Com a ancoragem do homem a terra, surgiram as propriedades privada e a divisão de classes: dominantes (proprietários) e dominados (servos ou escravos), dividindo dessa forma a educação na antiguidade. Surge a escola, que era chamada de lugar do ócio, favorecendo a classe dominante que dispunha de tempo livre para frequentar e a classe menos favorecida recebia a educação pelo trabalho.

Dessa feita, Ferreira (2003) enfatiza que:

com efeito, a ação educativa era exercida pelo ambiente, pelo meio, pelas relações e ações vitais desenvolvidas pela comunidade com a participação direta das novas gerações, as quais, por essa forma o educavam.

Nesse sentido a função do supervisor nesse período não era apenas na escola, mas em propriedades públicas ou privadas e também no trabalho escravo.

No contexto da industrialização a qual visava à procura da qualidade e da quantidade da produção, surge a supervisão em meio a essa abordagem da questão do trabalho no contexto capitalista. No século XVIII a consolidação do sistema de trabalho marcada com a Revolução Industrial, motivou mudanças na forma de produção e nas relações entre trabalhadores e patrões, modificando dessa forma a organização social.

Essas modificações podem ser explicadas pelo modelo materializado como taylorismo-fordista, o qual de acordo com (URBANETZ e SILVA, 2008 apud SILVA), constitui um sistema de atividades sistemáticas, repetitivas e cronometradas, com a fiscalização permanente de um supervisor. Dessa forma, sua finalidade seria garantir a qualidade e o sucesso da produção, por intermédio do trabalho fiscalizado e supervisionado.

Segundo Lima (2001), a partir da indústria, a função do supervisor se desenvolveu em outros campos, como o militar, o esportivo, o político e o educacional, sempre com o intuito de alcançar um bom resultado na realização do trabalho.

A esfera educacional traz a escola e seus personagens como parte que compõe a sociedade, logo, da organização social que o trabalho capitalista iria acarretar. As características do supervisor industrial transferem-se para o contexto escolar, e nesse percurso aconteceu na escola, assim como na indústria, uma separação de tarefas que, de acordo com (ALMEIDA e SOARES, 2010, p.21 apud SILVA), definimos como tarefa de concepção (o pensar e o decidir) e de execução (o fazer e o realizar). Nessa linha de pensamento, compreende-se que a supervisão historicamente está atrelada a ideia de controle, de caução da execução de um determinado processo que foi traçado.

No Brasil, o primeiro registro legal envolvendo a supervisão é de 1931, com o Decreto Lei 19.890 de 18/04/1931, o qual concebia a função supervisora de forma bastante diferente da que vinha sendo realizada, deixando de ser simples fiscalização para assumir o caráter de supervisão (LIMA, 2001 apud SILVA).

Segundo Lima (2001), com a promulgação do Decreto-Lei nº 4.244 de 9/04/1942, a função supervisora ganhou caráter de inspeção não somente na parte administrativa, mas também no que se refere à orientação pedagógica.

No final da década de 50 e início da de 60, a inspeção reaparece no cenário educacional brasileiro, como uma inspeção “modernizada”, que passa ser denominada

supervisão escolar a qual foi orientada por uma política desenvolvimentista, que compreendia a educação como alavanca para a transformação social, em virtude do acordo firmado entre Brasil e os Estados Unidos da América. (LIMA, 2001). Como aponta os registros, os anos se passarão e muitas transformações aconteceram no cenário educacional.

Finalmente os relatos do século XX, onde o supervisor escolar assumiu a função específica nas instituições de ensino com a criação de leis e decretos na área educacional. Uma vez que, o desenvolvimento da sociedade brasileira pertencente a uma esfera capitalista, começou a evidenciar-se devido ao processo de industrialização e urbanização ativando as pressões sociais em torno da demanda educacional a ponto de fazer que as reformas e políticas educacionais assumissem uma nova configuração para garantir o seu desenvolvimento.

Entretanto, com a ruptura política do período militar no final dos anos 60, procurou-se organizar a uma nova condição a educação. Contudo, realizaram-se novas reformas no ensino. Nessa conjuntura sociopolítica educacional é aprovado pelo Conselho Federal de Educação o Parecer nº 252 de 1969 que reformulou os cursos de pedagogia. Por meio deste Parecer, almejou-se especializar o educador em uma função particular não se preocupando com sua inclusão no vasto painel do processo educativo. As funções foram denominadas “habilitações”. Conforme Saviani (2007) o curso de pedagogia foi então:

organizado na forma de habilitações, que, após um núcleo comum centrado nas disciplinas de funcionamentos da educação, ministradas de forma bastante sumária, deveriam garantir uma formação diversificada numa função específica da ação educativa. Foram quatro habilitações centradas nas áreas técnicas, individualizadas por função, a saber: administração, inspeção, supervisão e orientação; além disso, previu-se também, como habilitação possível de ser cursada concomitantemente com uma dentre aqueles da área técnica, o magistério de disciplinas profissionalizantes dos cursos normais. (SAVIANI, 2007, p. 29).

Dessa forma, é com o Parecer nº 252/69 que se dar a experiência mais radical de se profissionalizar a função do supervisor educacional. A supervisão foi oficializada com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – de 1971 com a lei 5.692/71 no contexto aos conflitos da época.

Na década de 90, o Brasil incidiu por um momento de mudança no âmbito político e econômico e, a partir de 1995, na política educacional, com a LDB 9394/96.

Nesse sentido, CUSINATO (2007, p. 11) diz que:

dentro da conjuntura de transformações, que estamos atravessando, se faz necessária a mudança radical de toda instituição educacional, da profissão docente e dos profissionais da educação, inclusive da supervisão, cujo grande desafio no campo da educação é o desenvolvimento da consciência da situação, condição prévia e indispensável para um trabalho educativo, que mobilize a população para a realização das transformações necessárias.

Com a necessidade de uma nova política educacional originou-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as novas diretrizes da educação brasileira, rompendo com as linhas diretrizes que são atribuídas à instituição educativa em sua origem e que caracterizam como centralista, transmissora, selecionadora e individualista.

A instituição educativa deve superar os enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes e se aproximar de seu caráter mais relacional, mais dialógico, cultural-contextual e comunitário. Nesse âmbito, adquire importância a relação entre todas as pessoas que trabalham dentro e fora da instituição (IMBERNÓN, 2002 apud CUSINATO 2007, p 11).

Sabe-se que não é tarefa isolada, implementar mudanças e transformar a escola pública, depende de muitos fatores, como acreditar na escola, em seus gestores, professores, funcionários, pais e alunos e, sobretudo, naqueles que, estão mais próximos da realidade de cada escola, dirigentes e coordenadores de ensino, estes serão responsáveis por coordenar, apoiar, estimular e orientar o processo de discussão e elaboração da Proposta Pedagógica da escola.

Desse modo, (CUSINATO 2007, p 11) afirma que:

as mudanças no campo educacional, com novos objetivos, novas exigências de atendimento da demanda por diferentes formas de ensino e novas práticas pedagógicas afetam a supervisão de ensino, ampliando sua ação. Com tais possibilidades, a ação supervisora não pode se esgotar nos limites da unidade escolar. A supervisão tem que ir além: articular escolas e redes escolares, orientando-as para as finalidades maiores da Educação, harmonizando políticas públicas de concretização de todos os níveis da Educação e formação dos seus trabalhadores.

2.2 Caracterização/papel do coordenador pedagógico

Muitas caracterizações existiram para designar a função do atual coordenador pedagógico, AUGUSTO (2016) ressalta que o coordenador pedagógico, muito antes de ganhar esse status, já povoava o imaginário da escola sob as mais estranhas caricaturas. Às vezes, atuava como fiscal, alguém que checava o que ocorria em sala de aula e

normatizava o que podia ou não ser feito. Pouco sabia de ensino e não conhecia os reais problemas da sala de aula e da instituição. Obviamente, não era bem aceito na sala dos professores como alguém confiável para compartilhar experiências.

Ainda AUGUSTO (2016) afirma que outra imagem recorrente desse velho coordenador é a de atendente. Sem um campo específico de atuação, responde às emergências, apaga focos de incêndios e apazigua os ânimos de professores, alunos e pais. Engolido pelo cotidiano, não consegue construir uma experiência no campo pedagógico. Em ocasiões esporádicas, ele explica as causas da agressividade de uma criança ou as dificuldades de aprendizagem de uma turma.

Esse novo paradigma educacional ver-se contemplado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), artigo 64:

a formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional, para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Nesse sentido, com habilitação específica e esses novos conhecimentos adquiridos em cursos de pós-graduação o coordenador pedagógico assume a responsabilidade de direcionar sua ação para atender as especificidades sociais, culturais e políticas da escola contemporânea, fornecendo as condições e os meios para uma prática de ensino significativo, favorecendo a reflexão crítica na comunidade escolar.

Vasconcellos (2007) que tratando em seu livro da atuação do coordenador pedagógico, nos diz que existe uma demanda pela definição do seu papel e que certamente esta busca reflete o desejo de redefinição da atuação do referido profissional, pois suas funções e sua imagem continuam associadas à do supervisor pedagógico; desse modo, se faz necessário definir supervisão pedagógica. Assim, Vasconcellos diz que:

A supervisão não é (ou não deveria ser): fiscal de professor, não é dedo-duro (que entrega os professores para a direção ou mantenedora), não é pombo correio (que leva recado da direção para os professores e dos professores para a direção), não é coringa/tarefeiro/quebra galho/salva vidas (ajudante de direção, auxiliar de secretaria, enfermeiro, assistente social, etc), não é tapa buraco (que fica “toureando” os alunos em sala de aula no caso de falta de professor), não é burocrata (que fica às voltas com relatórios e mais relatórios, gráficos, estatísticas sem sentido, mandando um monte de papéis para os professores preencherem – escola de “papel”), não é gabinete (que está longe da prática e dos desafios efetivos dos educadores), não é dicário (que tem dicas e soluções para todos os problemas, uma espécie de fonte inesgotável de técnicas, receitas), não

é generalista (que entende quase nada de quase tudo). (VASCONCELLOS, 2007, p. 86-87)

A definição acima ilustra qual a atuação do supervisor no ambiente escolar, ora executando tarefas que fugiam à sua competência e para a qual não foram preparados, ora fiscalizando o trabalho do professor; desse modo, exercendo sempre um papel de controle, isso gerou graves conflitos no ambiente escolar entre supervisores e professores, pois ficava claro que o princípio que norteava sua função não era o de melhoria da qualidade da educação.

A supervisão escolar como coordenação pedagógica na escola ganha novo recorte e recebe nova extensão, como ressalta Ferreira (2003, p. 179) “passando de controlador e direcionador para estimulador do trabalho docente”. Nesse contexto, evidencia-se a compreensão da supervisão, explicitam-se as mudanças de paradigmas, antes com função normativa, prescritiva, para tornar-se uma ação crítica e reflexiva junto ao educador.

A coordenação pedagógica deve ser lembrada como um produto genuíno da pedagogia nova, por onde se formalizou sua conotação de mentora na escola, do enfoque psicológico estrito da educação. Não é preciso muito esforço para chegar a uma definição-padrão de suas atribuições; um serviço que ocupa da coordenação pedagógica escolar voltada à orientação dos professores e alunos, ao desenvolvimento de suas potencialidades (LIBÂNEO, 2002, p. 72).

Com o propósito de sucesso do trabalho do coordenador pedagógico, visando à ampliação de suas potencialidades faz-se imprescindível, algumas reflexões como ressalta Ferreira (2003, p. 179) “Manter um clima de abertura, cordialidade, encorajamento, fortalecer o sentimento grupal; trabalhar com professores, partilhar ideias, estimulando e fortalecendo as lideranças”. Com efeito, o trabalho em equipe, a troca de experiências e a reflexão sobre a prática, sugere contribuições nas novas estratégias de trabalhos.

Afirma Ferreira (2003, p.54) que o coordenador pedagógico precisa “Trabalhar sobre a ideia de processo de transformação, buscar caminhos alternativos, acompanhar a caminhada coletiva”. A ação do coordenador pedagógico abrange e fundamenta-se em duas dimensões básicas: atitudinal e procedimental.

Segundo Ferreira (2003, p. 179) continua sendo papel do coordenador pedagógico:

conhecer a legislação, seu limites e brechas, otimizando seu uso em proveito da escola e dos objetivos educacionais, preocupando-se sempre com a renovação da

escola e das práticas pedagógicas, criando laços com a comunidade; estimular o desenvolvimento de experiências e seu compartilhamento com o grupo; atentar para as dificuldades apresentadas pelos professores, criando mecanismos que permitam a consulta e a discussão do assunto; subsidiar os docentes com informações e conhecimentos atuais sobre temas complexos, de forma direta ou indireta, orientando leitura, dando referências ou propiciando encontros com especialistas na área.

Partindo desse pressuposto, o coordenador pedagógico deve seguir uma linha organizada desenvolvendo um trabalho articulado, necessariamente precisa ser um incansável pesquisador para assim garantir ampliação dos conhecimentos, sendo capaz de corresponder junto aos professores nas diversas dificuldades que aparecerão, ao mesmo tempo fundamentando e consolidando a sua prática pedagógica.

Nesse sentido, ainda que o trabalho do coordenador pedagógico tenha suas especificidades, suas atribuições são parte integrante do coletivo da escola, ou seja, pertence ao todo. Destarte, a atuação do coordenador pedagógico numa perspectiva de gestão democrática e participativa no âmbito da escola tem relação com o trabalho tanto dos gestores quanto dos professores. Uma vez tendo a função precípua como articulador entre os atores que integram a escola, deve-se ressaltar a compreensão de que ele atua num espaço de mediação e interação entre todos. Portanto, o bom relacionamento é primordial para a busca de norte coletivo que efetive sua atuação coordenadora numa relação dialógica e compartilhamento de decisões.

3 A INDISCIPLINA ESCOLAR E O SEU PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO

3.1 Socialização, valores e moral como determinantes da vida social

Na análise acerca da indisciplina, considerar o processo de socialização é primordial, pois um dos seus objetivos mais importantes consiste em que a criança aprenda o que é considerado correto e o que se julga incorreto em seu meio, ou seja, que adquiram conhecimento acerca dos valores e morais que regem sua sociedade e se comportem de acordo com eles no decorrer da sua vida. Isto acontece através de uma construção social e interiorização de valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança. Toda conduta social é regulada socialmente, no sentido de que o grupo social considera adequadas determinadas formas de agir e outras, impróprias. A criança, por isto, tem que aprender numerosas habilidades sociais que lhes são exigidas desde os primeiros anos de vida. (COLL, 1999; PALACIOS, 1995).

Nesse âmbito de aprendizagem, a moral (consequentemente atrelada aos valores) se faz presente norteando a socialização e a formação da conduta do indivíduo, imprimindo-lhes as regras para viver socialmente. Portanto, acerca da relação da moral com a indisciplina, Parrat-Dayan pontua que:

“Os problemas de indisciplina na escola estão associados com problemas de moral. Como os indivíduos não vivem sozinhos, e sim em sociedade, precisam de regras que permitam sua convivência, isto é, comportar-se da melhor maneira uns com os outros. As regras são espécies de instruções que orientam a conduta nas diversas situações sociais. Toda organização social possui uma série de normas ou regras que permite aos indivíduos viverem juntos. Essas regras não são inatas: devem ser adquiridas em casa, na escola e na sociedade em geral.” (PARRAT-DAYAN, 2008).

Segundo Vásquez (2011), a moral é um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada e seu significado, função e validade não podem deixar de variar historicamente nas diferentes sociedades. À medida que umas sociedades sucedem a outras, também as morais concretas, efetivas se sucedem e substituem umas às outras. Ou seja, a moral é um fato histórico e, consequentemente, a ética como ciência da moral deve concebê-la como um aspecto da realidade que muda com o tempo.

A moral é baseada em valores, segundo CARDOSO (2013), estes valores não são atitudes, mas são gerados por essas e as orientam, partem do real, passando pela subjetividade humana, e se concretizam através da ação humana, o que lhes confere um caráter objetivo: surgem do concreto e traduzem-se no real, ao mesmo tempo em que têm um caráter subjetivo. Nesse sentido:

são criados pela ação humana, na relação entre homem e a natureza e o homem e o homem (a partir do trabalho), sendo transmitidos geracionalmente através da educação formal e não formal, dando base às atitudes em sociedade. São, portanto, uma criação social e passam pela subjetividade e individualidade dos homens ao aceitá-los ou negá-los. Há, nessa relação objetividade/subjetividade, coletividade/individualidade na criação, afirmação, (des) construção dos valores, a relação e ação direta do ser social com o objeto, com a realidade concreta é a fonte da internalização de valores, ao mesmo tempo em que é o objeto da externalização destes, a partir da singularização que os sujeitos realizam desses mesmos valores e dos espaços de contradição presentes em cada sociedade. (CARDOSO, 2013).

Assim, o ser social, com bases nos seus valores, na relação com a realidade objetiva, passa a buscar compreender o que é bom ou ruim, correto ou incorreto enquanto comportamento humano, para si e para a coletividade. Logo, surge à necessidade de se estabelecerem regras gerais que norteiem o comportamento dos indivíduos e, através de um juízo de valor e dos valores estabelecidos socialmente, vão sendo geradas ações, atitudes que se tornam hábitos e costumes, surge assim a moral.

Todo esse processo de criação de valores e moral é parte de uma construção social, por isso mudam com o tempo, uma vez que os sujeitos que constroem a história transformam o mundo e a si mesmos. Os conceitos de valores, moral definem aquilo que é socialmente considerado certo e errado são dimensões definidas a partir do processo de construção social, isso pressupõe que são mutáveis, uma vez que o homem é o sujeito de sua história, ele a constrói no seio das relações sociais e assim imprime significados e regras à sociedade. Essas dimensões de valores e consequentes regras gerais variam de sociedade para sociedade ou de um determinado grupo social para outro, dessa forma não existe apenas uma moral, mas há uma moral hegemônica que rege a maioria das relações sociais e seus processos normativos, políticos, educacionais, de sociabilidade, etc. Por isso se caracteriza como geral, uma vez seguida pela maioria dos indivíduos de determinado grupo social.

Quando falamos desse conjunto de regras e normas de determinada sociedade, remetemo-nos ao conjunto hegemônico ou dominante nessa sociedade, não excluindo, portanto, a existência de outras morais concomitante a esta e, muitas

vezes, com regras e normas antagônicas à moral dominante. Portanto, cabe ressaltarmos que os indivíduos escolherão seguir ou não determinados códigos morais, podendo ser o da moral dominante socialmente ou aquele código moral hegemônico ao grupo ao qual pertence. (CARDOSO, 2013).

Dessa forma, não existem sujeitos amorais ou imorais, se analisarmos o conceito de valores e da moral. O que pode caracterizar uma atitude ou comportamento dito ruim, inadequado são os valores norteadores da moral do sujeito que pratica tais atos, podem ser valores positivos ou negativos, de acordo com a sociedade ou grupo social no qual ele está inserido.

A história e as configurações sociais não são constantes ou imutáveis, as configurações sociais nas mais diversas dimensões pessoais e institucionais mudam de acordo com o movimento histórico e dialético protagonizado pelo homem nas suas relações sociais. É nesse sentido que o contexto social no qual está inserida a escola, os alunos, professores e demais profissionais e sujeitos da comunidade escolar é que vai determinar as regras de convivência e as normas escolares. Ainda que se estabeleça um conjunto de regras hegemônicas dentro da escola, cada sujeito trará consigo suas próprias vivências e determinantes sociais sejam da família ou do grupo social em que ele vive, essas determinações podem colaborar com a moral escolar vigente ou a confrontar.

3. 2 O significado da indisciplina escolar no contexto das relações sociais

Conceituar a indisciplina não é uma tarefa simples e limitada, uma vez que ela está atrelada ao conceito de disciplina e ambas fazem parte de uma dinâmica social à qual também se submete a escola, dessa forma seus significados e configurações acompanham as mudanças históricas, bem como o sentido que as relações sociais e suas mudanças imprimem aos processos educacionais e às instituições.

De maneira geral, a disciplina se caracteriza como um conjunto de regras e obrigações de um determinado grupo social e que vem acompanhado de sanções nos casos em que as regras e/ou obrigações forem desrespeitadas. Um dicionário atualizado de educação diz que a disciplina é um conjunto de regras de conduta, estabelecidas para manter a ordem e o desenvolvimento escolar. (PARRAT-DAYAN, 2008, p.20).

A indisciplina se caracteriza como uma transgressão à disciplina, praticá-la é ir de contra essas regras pré-estabelecidas em um determinado contexto ou espaço institucional. Contudo, não possui um conceito estático, invariável nem tampouco

universal. Nesse sentido, mantém uma relação com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre diferentes culturas, mas também na mesma sociedade. Além disso, individualmente, a indisciplina pode ser concebida de forma diferente, com outros sentidos que vão depender da vivência de cada sujeito e do contexto que ele se insere e aplica esse conceito. (REGO, 1996, p. 84 apud VERGÉS; SANA, 2009).

Para compreender e enfrentar a indisciplina escolar no seu cerne é necessário fazer recortes social, histórico, cultural, econômico, conjuntural, bem como considerar as dimensões da convivência social e das relações sociais, que envolvem valores e moral os quais também determinam o papel de cada indivíduo ou de um conjunto deles numa determinada esfera social, inclusive o papel de cada instituição social, como a família e a escola.

Quando parte do contexto educacional, a indisciplina sofre as mesmas mudanças que a escola como uma instituição social que está inserida no seio das transformações provocadas pelos indivíduos e pelas relações sociais. Mudança na escola enquanto instituição implica na mudança daqueles que a constroem coletivamente: professores, coordenadores, alunos e demais profissionais atuantes nesse espaço bem como da comunidade escolar. É nesse sentido que o que faz parte da configuração de disciplina e indisciplina hoje, não é o mesmo de anos atrás, numa outra conjuntura social e política.

No período da ditadura militar no Brasil, as escolas possuíam um caráter mais autoritário, limitado, de censura à liberdade de expressão, se enaltecia a obediência e havia uma forte hierarquização das relações em sala de aula, devido ao contexto conjuntural da época. Nesse cenário, a educação foi submetida a ser uma das formas de legitimar o regime, logo a disciplina escolar se encaminhava no sentido de propagar os valores e uma moral de uma classe dominante que estava no poder.

A educação idealizada pelos militares teve como papel principal reproduzir a sociedade burguesa através da inculcação de seus valores, isto permitiria no imaginário de seus idealizadores que as demais classes passassem a reproduzir os valores pertencentes às elites. Isto tudo nos faz compreender que a classe que estava no poder buscava um modelo educacional a fim de homogeneizar todo o resto da sociedade de acordo com seus padrões. (PAVIANI, 2014, p.3).

Fica claro nesse contexto outro determinante no sentido que a disciplina pode ter: a imposição e o controle de uma determinada classe ou grupo social sobre outro. O exemplo da ditadura explicita mais ainda que as relações numa instituição que participa de

um processo de socialização e educacional podem ser fortemente influenciadas pelas relações sociais e políticas vigentes e hegemônicas. A escola historicamente é um dos meios que muitos se utilizam para legitimar e conquistar hegemonia e no contexto da ditadura a disciplina era posta de uma maneira coercitiva, à qual o indivíduo se submetia por interesse, assim ela é alimentada pelo medo do castigo ou desejo de recompensa. (PARRAT-DAYAN, 2008, p.20).

Ir mais fundo no debate da disciplina no contexto escolar nos leva ainda à dicotomia entre a escola pública e privada, no sentido de que são instituições teoricamente iguais, no sentido de terem como objetivo contribuir no processo educacional, mas são historicamente diferentes na sua composição humana, na disposição física e no seu conteúdo, se desenvolvem de formas diferentes e apresentam suas particularidades, assim o contexto que se desenvolve normas de disciplina também podem variar, principalmente devido ao alunado que cada escola tem e à realidade que a maioria vive fora da escola.

A disciplina não é necessariamente negativa, ela existe atrelada à moral, com o objetivo de criar regras gerais de convivência, que balizem certos comportamentos e atitudes, assim como também estabelece relações de respeito. Mas, é necessário estar atento ao fato de que tanto ela, quanto a sua transgressão, são variáveis e relativas de acordo com seus determinantes sociais.

Todo esse processo de internalização de valores e criação de regras gerais da moral envolve as mais diversas dimensões da convivência social e das relações sociais, assim como o papel de cada indivíduo ou de um conjunto deles na sociedade, numa determinada instância ou instituição. Assim, dependendo do contexto social, econômico e político que a escola e os sujeitos nela inseridos estão envolvidos, a ideia de disciplina e conseqüentemente de indisciplina pode variar.

Por possuir um conceito mutável, que é construído coletivamente de acordo com as relações sociais e do momento histórico, a indisciplina caminha no sentido das mesmas transformações que a disciplina, porém no sentido da quebra desse padrão estabelecido para resignar o que é esse conjunto de regras. Assim, abre-se um leque de determinantes, chegar um consenso torna-se impossível pois, claramente, seu conceito torna-se relativo e temporal, variável e inconstante, pois a história continua em movimento e segue em construção junto com a humanidade.

4 A PRÁTICA DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO DA ESCOLA

Na busca de respostas que favoreçam melhor compreensão sobre a indisciplina no contexto educacional, foi necessária uma visão macro nos meandros da escola para conhecer de perto como acontecem às relações sociais entre os membros da comunidade escolar.

4.1 Histórico da Unidade Escolar

A Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, está situada na Praça José Alves de Sousa s/nº, centro, Presidente Juscelino. Inscrita no CNPJ 03.814.293/0001-39, é uma escola da Rede Municipal de Ensino com prédio próprio na zona urbana deste município.

A escola foi fundada no ano de 1998, recebeu esse nome em homenagem à professora Eleodória Jacinta Cantanhêde que exerceu a função de diretora na Escola C.E Senador Vitorino Freire da Rede Estadual de Ensino durante 25 anos, portanto, pessoa de grande prestígio junto à comunidade local. A escola iniciou suas atividades em 09/03/98 devido à necessidade do município em acolher um grande número de alunos do Ensino Fundamental II, clientela oriunda de bairros e povoados mais próximos do centro da cidade.

O sistema TVE foi o modelo de ensino adotado permanecendo durante 6 anos, sua principal característica era o ensino televisionado, administrado pelo Orientador de Aprendizagem, que era facilitador do processo de ensino em sala de aula. A partir de 2004 o sistema de ensino passou a ser fundamental regular que permanece até hoje.

A primeira diretora foi a professora Maria Madalena de Magalhães Rabelo que administrou a escola durante 3 anos. Atualmente, a gestão é exercida por Rositelma Dias Carvalho (Gestora geral) e Manoel Mendonça Barbosa Filho (Gestor adjunto).

A escola atende alunos nos turnos matutino e vespertino, é a única escola municipal que oferece o Ensino Fundamental II na sede do município. A estrutura física da escola passou por várias reformas. Sua construção inicial constava de 3 salas de aula, 1 secretaria, 1 cantina, 2 banheiros e 1 pátio. Hoje, tem 7 salas de aula, 1 diretoria, 1 pátio, 1 laboratório de informática, 1 almoxarifado, 3 banheiros e 1 corredor. Porém, essa estrutura ainda é insuficiente para atender a demanda de alunos. O prédio apresenta vários

problemas ligados às instalações hidráulica e elétrica, falta de ventilação adequada para suprir às necessidades.

Hoje, a escola atende um público de 420 alunos matriculados oriundos dos bairros da sede e de povoados mais próximos, muitos deles vindos de famílias que passaram pelo êxodo rural. A clientela atendida apresenta um grau de dificuldade muito grande em relação à aprendizagem, pois, grande parte dos alunos não demonstra interesse pelo estudo. A escola desenvolve atividades como: Palestras, Gincanas, Conferências, Interclasse, Projetos e outras ligadas à educação para estimular o processo de ensino e aprendizagem. Outro fator que atrapalha o processo da escola é a falta de participação da família, o contato ainda é mínimo sendo necessário articular e estreitar os laços entre ambas.

Quanto aos recursos humanos, à instituição apresenta um quadro de 25 professores sendo 24 graduados dos quais 20 são especialistas na área que atuam e 1 professor com magistério. Na gestão há um gestor geral e um adjunto ambos especialistas, e um supervisor pedagógico formado em pedagogia que formam o trio gestor da escola. Os demais funcionários se dividem em 3 agentes administrativos, 6 AOSD e 3 vigias.

A gestão da escola é democrática, pois há a participação da equipe escolar nas decisões a serem tomadas primando pela qualidade da educação desenvolvida pela instituição. A relação estabelecida entre gestão e equipe escolar define-se através da boa convivência, deixando claras as atribuições de cada um durante reuniões ou encontros pedagógicos.

Conforme consta no PPP da escola, a gestão é democrática e há participação da equipe escolar nas decisões da instituição. No entanto, na concepção democrática de gestão escolar pretendida pelos órgãos normativos da educação em voga no país, gestão democrática compreende a participação ativa de todo o segmento escolar: professores, gestores, alunos, pais, instituições e demais membros da sociedade civil no entorno da escola.

Saviani (1994) afirma que:

A relação entre a democracia e educação se caracteriza pela dependência e influência recíproca. A democracia depende da educação para o seu fortalecimento e consolidação e a educação depende da democracia para o seu pleno desenvolvimento, pois a educação não é outra coisa senão uma relação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana.

Dessa forma, observa-se a necessidade de mudanças em alguns aspectos como a participação ativa da família na escola, a infraestrutura que precisa de melhorias em todos os aspectos, o relacionamento da comunidade com a escola, pois ainda é frágil devido à ausência de atividades que estimulem esta aproximação.

No que se refere ao perfil dos alunos, a maioria pertence a uma classe social baixa com um nível de escolaridade mínima, sem maiores perspectivas de vida devido à restrição de fonte de renda que se baseia somente na agricultura, programas sociais como Bolsa Família, aposentadoria, pequenas atividades comerciais.

O problema de repetência torna-se mais frequente no 6º ano devido à transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, pois o aluno que possuía apenas um professor passa a ter vários professores com disciplinas diferentes e a adaptação às vezes torna-se difícil, o que por vezes favorece o surgimento de situações de indisciplina.

A distorção idade/série está presente em praticamente todas as séries, pois a escola deve aceitar os alunos com idade defasada, por ser a única instituição que atende a clientela de 6º ao 9º ano na sede do município até seus 15 anos de idade.

Como percebemos a realidade da escola não é das melhores, pois vários fatores contribuem para o surgimento dos aspectos negativos que ocorrem dentro da escola, e em muitos casos, esses fatores estão associados tanto com o ambiente escolar quanto o familiar e o social.

4.2 A caracterização da indisciplina na unidade escolar

A indisciplina no ambiente escolar é um tema de grande complexidade que se discute e analisa no decorrer deste trabalho. Ao mesmo tempo em que lidamos com essa realidade crescente nas escolas, temos que nos atentar para as suas possíveis causas e ver que, infelizmente, na maioria das vezes, também somos culpados em expandi-la nos alunos.

Assim, podemos dizer que são vários os fatores que apontam para uma possível crise nas salas de aula das nossas escolas: professores estressados, alunos descrentes e desacreditados, ensino depreciado, violência física e psicológica, grande número de reprovação, evasão etc. Esses são fatores interligados entre si, ou seja, o aumento de um ocasiona o aumento do outro. Da mesma forma, ao conseguirmos a redução deste, estaremos também reduzindo aquele. Em vista disso é que se investigou a Unidade

Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde através dessa pesquisa, para entendermos que a indisciplina pode ser gerada tanto de fora para dentro da escola assim como de dentro para fora. Ela pode se apresentar em diferentes formas e ambientes, dentre os quais estão: Indisciplina e Família, Indisciplina e Sociedade, Indisciplina e Professor, Indisciplina e Escola, Indisciplina e Aluno.

4.3 Indisciplina e Família

A família tem um papel de grande relevância na vida educacional dos filhos. É nela que, primeiramente, nasce a Educação. Desde seus primeiros anos de vida a criança vai aprendendo a ser disciplinada, porém cabe aos pais tal disciplina.

A Constituição Federal em seu Art. 205, afirma que:

a educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo TIBA 2006, quando uma criança cai e não quer ser erguida, a indisciplina materna ocorre quando a mãe a levanta, porque fez o que ela mesma queria, sem pesquisar qual era o desejo da criança. (TIBA, 2006, p.41)

Em virtude disso, são vários os fatores que contribuem para a indisciplina familiar como, por exemplo, a relação do cônjuge, o relacionamento dos pais com os filhos e dos filhos com os pais, entre outros. A forma como esses relacionamentos são encarados é que definirá a disciplina ou indisciplina da criança. É pelo fracasso familiar que há uma sobrecarga para a escola, principalmente para os professores. Quando isso acontece, uma transferência de responsabilidades é jogada para a escola, que na maioria das vezes não consegue resultados significativos e reencaminha o problema para a família. Um verdadeiro jogo de empurra-empurra sem vencedores.

“... Muitas das vezes, a família não Educa, não dá referências básicas e transfere para a escola esta tarefa...”. (Vasconcellos, 2013)

Tudo começa no ambiente familiar. Os valores que precisamos levar para exercer a nossa cidadania são absorvidos no seio da família. À família é incumbido o dever de transmitir valores tais como: respeito (em seu amplo sentido), ética, humildade, dignidade, deveres etc. A ausência de tais valores faz surgir o conflito na escola, criando alunos rebeldes, professores impotentes e estressados, educação fracassada. Por isso, o não compromisso da família para com a educação dos seus filhos, causa o crescimento da indisciplina, dentro e fora da escola.

Observou-se que na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, a maioria dos pais não têm o compromisso que deveriam ter com a vida escolar dos filhos, pois o que se vê são professores que a todo instante estão se reclamando da indisciplina dos alunos e que os pais não tomam nenhuma providência. Quando chamados na escola, os pais pouco falam, e os que dizem alguma coisa, sempre dizem que vão tomar as providências cabíveis e as mesmas não acontecem, outros dão total liberdade para a escola fazer o que quiser, ou seja, os pais entregam aos professores a vida dos filhos, que é de responsabilidade deles. É como se os pais dissessem, “eu não sei mais o que fazer, faça o que quiser com ele, é todo seu”.

Segundo VASCONCELLOS (2000), já não há aquela cumplicidade (muitos pais ensinam desde cedo os filhos a contarem “o que a professora fez com ele”), mas ao mesmo tempo – em função das transformações que vem sofrendo – há uma tendência de atribuir à escola funções que antes eram inerentes a família (ex: desde aprender a amarrar os sapatos, até a iniciação religiosa).

Em vista disso, é que a maioria dos professores que já estão atrás, também de uma solução, se veem obrigados a tomar as piores atitudes, pois o que se observa a todo instante são alunos no pátio da escola, porque foram colocados para fora da sala de aula, e dessa maneira graves consequências surgirão, como por exemplo, jovens à margem da escola e da sociedade. E como a sociedade encara a indisciplina desses alunos? É o que analisaremos no próximo tópico.

4.4 indisciplina e sociedade

O professor não é o único culpado pelo problema da indisciplina na sala de aula, apesar de ter uma parcela de contribuição para que isso aconteça, porém, há também

outros indivíduos e instituições que são responsáveis por essa atual realidade que se evolui constantemente. A família, a escola, a sociedade, o próprio aluno, todos, pouco ou muito, colaboram para indisciplina dos nossos alunos.

Vasconcellos (2000) nos afirma que:

governantes, parlamentares, aparelho jurídico e policial, exército, empresários, movimentos populares, associações da sociedade civil, etc. podem colaborar com a disciplina na escola, na medida em que se comprometem com:

- Democratização política e econômica; justiça social; salários mais dignos, melhores condições de habitação, saúde, educação, transporte, segurança.
- Desenvolver uma nova ética social, onde se resgate o valor do bem comum, da verdade, do compromisso, da solidariedade, do trabalho. Maior valorização do trabalho sobre o capital; que os jovens possam se estimular pelo trabalho, em função da sua revalorização; superar “Lei de Gerson”.
- Valorização da educação e dos profissionais da educação: desenvolvimento e aplicação de uma séria política educacional para o país, que repense a formação, a remuneração e as condições de trabalho dos educadores. Assumir-se efetivamente a educação como elemento básico de desenvolvimento nacional.
- Desenvolver uma nova política para os meios de comunicação, de modo que os movimentos populares e as organizações da sociedade civil possam, com efeito, ter espaço para expressarem-se.
- Outras mediações: saber votar, participar do sindicato, não comprar o que é supérfluo, nem o que está caro, manter a cidade limpa, preservar o verde, não usar aerossol com CFC, etc.

Percebe-se aqui que Vasconcellos nos dar as dicas de como ter uma sociedade disciplinada, onde todos possam se envolver nessa causa, para que assim tenhamos alunos disciplinados nas salas de aula, em casa, na rua ou onde for. É claro que, para que isso aconteça é preciso uma transformação da sociedade, justamente esta na qual vivemos, uma sociedade marcada pela falta de limites, pela decadência de valores básicos de respeito ao próximo, de solidariedade para com o outro, de quebra de fronteiras, é uma questão de comodismo. O que se observa é que é muito mais fácil se adaptar com o ilimitado do que viver direcionado por regras, por limites. É a partir daqui que surge a grande dificuldade da questão. Pois ao mesmo tempo em que o jovem transforma-se com uma sociedade sem limites, tem que se adaptar às regras impostas, neste caso, pela escola.

Em virtude disso, nasce o primeiro foco de conflito: da necessidade que a escola tem de limitar os maus hábitos adquiridos fora dela; o bom que é a sociedade (de fora) se torna o difícil de dentro (escola), portanto, por este motivo, o ambiente escolar acaba sendo julgado como opressor, retentor da liberdade dos educandos, ultrapassado,

limitador. E assim ao acontecer este conflito, a indisciplina se intensifica ainda mais, pois nasce da divergência de valores.

4.5 Indisciplina e Professor

De modo geral o questionamento dos professores sobre a atual indisciplina dos seus alunos tem se tornado frequente nas escolas. E não é diferente na Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde, pois constantemente os professores se queixam da indisciplina, chegam até a usar a expressão “os alunos de antigamente eram mais disciplinados” ou “antigamente aluno respeitava professor”. Mas afinal, o que de fato acontece? Essa é uma pergunta que precisa de respostas. Muitos professores não querem tomar para si responsabilidade nenhuma, acham que estão ali somente para passar o conteúdo e pronto, quem quiser que se vire.

Vasconcellos (2000, p. 68) afirma que:

[...] o professor que quer ser efetivamente professor tem que trabalhar com a realidade que tem em sala de aula, não adianta ficar se lamuriando, jogando a culpa aqui e acolá. São estes os alunos que tem e com eles tem que trabalhar; é esta a escola, é este o país. Este é o ponto de partida.

Os professores cada dia que passam estão mais estressados e inconformados com o que fazem. Observa-se que poucos são os que querem arriscar na mudança, é mais fácil se livrar logo do problema, colocando o aluno para fora de sala de aula, do que encarar o problema e inverter a situação.

Segundo Vasconcellos (2000, p. 68), só se pode transformar a realidade a partir do momento em que se assume a existente. O pressuposto fundamental de qualquer trabalho educacional é acreditar na possibilidade de mudança do outro.

Em vista disso, o aluno precisa sentir a firmeza do professor, e o mesmo mostrar firmeza a ele. É necessário agir com disciplina. Se possível, inserir doses de humor nas aulas para descontrair o clima; refletir sobre si mesmo; montar rodas de diálogos com os alunos; procurar compreender o que perturba os alunos e corrigir esses atos; ser amigo dos alunos, mas mantendo a postura profissional.

Bom humor é imprescindível, além de desarmar mecanismos de defesa contra a autoridade, o bom humor cria uma grande empatia entre professor e aluno. É como nos rituais antigos, em que as batidas dos atabaques comoviam as pessoas e as mobilizavam para a comemoração, de modo que as individualidades se perdiam para o grupo funcionar no todo, como se fosse uma religião (no sentido de unir, de religar as pessoas). O bom humor o riso e a espontaneidade são ingredientes necessários à sensação de liberdade. Pessoas livres aprendem mais e melhor. O bom humor difere da ironia fina, que pode ser comparada à ponta de um punhal, capaz de cortar a jugular de um aluno, ou do deboche, que parece um tacape amassando a cabeça da vítima. Bom humor é um estado de espírito, uma vivacidade própria de quem está atento a todos os estudantes. Comporta, inclusive, piadas e trocadilhos. Aliás, os próprios alunos também têm permissão de fazer trocadilhos e gozações dentro do contexto que o professor achar mais adequado (TIBA 2006, p. 133-134).

Vasconcellos ainda diz que:

O professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina (ou um agente privilegiado): Por estar em contato direto com os alunos, no lócus privilegiado onde se manifesta o problema; Por ser o profissional da educação; Por ser – potencialmente – um dos mais interessados em resolver este problema (em função do elevado desgaste que sofre).

Ele é o coordenador do processo de ensino-aprendizagem. Deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade. (VASCONCELLOS 2000. p, 69)

De acordo com Vasconcellos o educador tem em suas mãos o poder de transformação para o desfecho do problema, pois sendo conhecedor da realidade pode atuar como agente de mudança, assumindo uma postura de controle e transformando o contexto onde os fatos se passam.

4.6 Indisciplina e Escola

A escola é o principal agente transformador da vida do aluno, pois é nela que o aluno aprende a lidar com diferentes pessoas e situações do cotidiano escolar, é ela que dar esse esclarecimento de como resolver tais situações dentro e fora da escola. Mas ao mesmo tempo ela pode se tornar o agente destruidor, quando a mesma não tem o conhecimento da sua real função social para com o educando. Baseado nisso, é que a escola deve,

principalmente, ter um Projeto Político Pedagógico que contemple as diferentes questões e em especial a da indisciplina. Em vista disso, a escola deverá convocar as famílias, os professores, os alunos, ou seja, toda comunidade escolar para participarem da elaboração do PPP, possibilitando debates com os atores da educação, definindo dessa forma regras juntamente com os envolvidos para facilitar o seu cumprimento. É dessa maneira, que escola e família conseguirão sucesso na disciplina de alunos e filhos.

Vasconcellos (1995) enfatiza que as escolas também apresentam seu grau de responsabilidade com a indisciplina quando não apresentam definição clara em sua proposta educacional; normas não claras e ausência de diálogo e respeito, também favorecem a indisciplina. Outro fator que contribui para a desmotivação dos alunos e a indisciplina é o não entendimento de conteúdos propostos, falta de compromisso, estando o aluno na escola somente obrigado pelos pais e pela sociedade e o cansaço, o que demonstra a necessidade de aulas mais dinâmicas e atrativas.

A Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde possui um Projeto Político Pedagógico que há 10 anos vem se tentando construir, e ao longo dessa trajetória a escola ainda não conseguiu finalizar sua construção. O que se observa é que por falta de conhecimento, às vezes de interesse e por outros fatores que estão atrelados a rotina da escola, tanto os gestores que (atrelados mais com o administrativo do que com o pedagógico), professores que (preocupados mais em passar conteúdos para não atrasar no livro didático) e até o próprio coordenador pedagógico que (sobrecarregado com tantas atribuições) se dão tempo e oportunidade para tal tarefa e, as demandas vão sendo atropeladas constantemente, os alunos cada dia mais indisciplinados e os pais cansados de ouvir toda vez a mesma coisa, e infelizmente, ninguém toma a frente para o enfrentamento da problemática.

Vasconcellos (2000, p.57) afirma que:

Um dos grandes impasses que se coloca para a escola hoje é a definição de sua efetiva função social. Diante da crise de identidade, é fundamental que a comunidade educativa procure recuperar o sentido da escola, do estudo, elaborando sua proposta educacional (Projeto Político Pedagógico).

Mais afinal de quem é a culpa? São vários os fatores que contribuem para que isso aconteça, fatores esses que vêm da esfera Federal à Municipal que envolve assuntos políticos, sociais e econômicos. Porém, a escola não pode deixar de exercer aquilo que está destinada a ela, pois a disciplina escolar só acontecerá de fato, se todos derem as mãos.

Segundo Vasconcellos, para se alcançar a disciplina é fundamental, pois, que se tenha um horizonte buscando juntos, objetivos comuns. Há necessidade de darmos um sentido novo ao conhecimento: conhecer não simplesmente para “ser alguém na vida”, mas para ajudar a necessária transformação estrutural da sociedade.

Diante das inúmeras situações ocorridas no cotidiano da escola, as competências e atribuições dos profissionais e da família necessitam corresponder com as vivências diárias, ou seja, cada um deve exercer seu papel diante do contexto da indisciplina no intuito não somente de combater, mas precisamente evitar seu surgimento.

Como afirma Vasconcellos o centro da crítica e da atribuição de responsabilidade pelos problemas de indisciplina na escola está sendo o aluno e sua família. Por sua vez, estando desestruturada e desorientada e em muitos acontecimentos se exime de sua responsabilidade de educar, deixando essa tarefa apenas para a escola. “A família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos” (VASCONCELLOS, 1995, p. 22).

Nessa vertente, novos olhares devem ser despertados para que se atinja de fato a realidade no âmbito da unidade escolar, viabilizando um novo recorte que supra as exigências e necessidades do público. Entretanto, o coordenador pedagógico tem um papel determinante na superação das questões em foco. Dentre as atitudes na busca da superação destaca-se sua ação articuladora e mediadora junto à equipe de professores, alunos e demais membros da comunidade escolar numa relação dialógica conquistando o respeito e favorecendo suas vivências na construção de valores.

O coordenador pedagógico da escola segue um cronograma de trabalho organizado mensalmente pela Secretaria Municipal de Educação, contemplando três dias da semana para a escola e dois para a secretaria. Partindo dessa demanda, ele planeja o seu próprio cronograma de atendimento e acompanhamento na escola. Este profissional enfrenta um grande desafio relacionado não só a indisciplina, mas também a resistência dos professores, que nem sempre estão dispostos a colaborar e, algumas vezes a dificuldade com a gestão escolar também atrapalha o processo pedagógico. Por esta e outras razões o coordenador se sente muitas vezes sozinho, sem apoio e sem perspectivas

para desenvolver um trabalho significativo. Suas atividades voltadas ao campo pedagógico quase sempre são sacrificadas em função de demandas de origem administrativas, comprometendo a sua atuação profissional e o rendimento do seu trabalho.

O cotidiano do coordenador pedagógico é marcado por experiências e eventos que o levam, com frequência, a uma atuação desordenada, ansiosa, imediatista e reacional, às vezes até frenética... Nesse contexto, suas intencionalidades e seus propósitos são frustrados e suas circunstâncias o fazem responder à situação do momento, “apagando incêndios” em vez de construir e reconstruir esse cotidiano, com vistas à construção coletiva do projeto-pedagógico da escola. Refletir sobre esse cotidiano, questioná-lo e equacioná-lo podem ser importantes movimentos para que o coordenador pedagógico o transforme e faça avançar sua ação e a dos demais educadores da escola. (PLACCO 2010, p. 47)

O coordenador pedagógico da escola é licenciado em pedagogia exerce a docência há quase dez anos, é contratada da rede de ensino e está a serviço da escola há menos de cinco anos. As suas atividades na escola compreende ao acompanhamento pedagógico, planejamento e formação. Quando questionada da sua relação com os professores responde que é bem profissional, mas confessa que há desafios e conflitos que sempre irão existir.

Quanto aos problemas de indisciplina enfrentados, e quais as intervenções positivas adotadas no cotidiano escolar pela gestão e pela coordenação pedagógica afirma que:

são vários os problemas de indisciplina na escola que têm tirado alguns professores do sério, entre eles nós temos a falta de respeito para com os próprios professores, gerando um conflito entre aluno e professor que conseqüentemente resulta na expulsão desse aluno da sala de aula e entregue na diretoria. Quando ele chega à diretoria há uma conversa com o mesmo para uma questão de conscientização dos seus atos, em seguida é encaminhado para a biblioteca e lá lhe entrego um livro (já lido) e uma ficha sobre o livro para que leia e responda as questões sobre o mesmo. Isso é feito porque geralmente os alunos indisciplinados são os de baixo rendimento e essa ação tem funcionado muito bem. Essa é apenas uma, das muitas adotadas, com o objetivo de tornar esse aluno indisciplinar um aluno disciplinar, o que é uma tarefa muito difícil, pois a indisciplina é um tema que vai além dos muros da escola e que abrange diferentes fatores e personagens. (Coordenador Pedagógico)

Como relata o coordenador, a vivência no cotidiano escolar continua sendo um entrave no processo disciplinar do educando, pois as primeiras atitudes tomadas são as piores possíveis. Dessa forma, se torna difícil disciplinar o educando, pois sua imprudência requer um olhar diferencial e não uma devolutiva “agressiva” principalmente por parte dos

educadores que estão diretamente em contato com eles, a preocupação deve partir do todo, do coletivo e não da minoria.

Outro fator relevante questionado ao coordenador pedagógico foi como ele observa a relação professor-aluno no que se refere à indisciplina, ele relata que, como mencionado anteriormente a indisciplina abrange diferentes fatores e personagens e um desses personagens que pode contribuir para o progresso dessa indisciplina é o próprio professor, como? Quando o professor não se planeja e dar uma aula de qualquer jeito; quando não aceita a opinião do aluno, pois o mesmo se acha o detentor do conhecimento; quando não há um diálogo entre professor e aluno, entre outras coisas.

O que se observa é que precisa ter uma mudança e o professor deve reconhecer a necessidade dessa mudança, mudar seu jeito de pensar, seu jeito de falar e agir, no que se refere ao aluno, precisa conhecê-lo e lembrar que além da família, o professor também é responsável pela formação desse aluno.

Nesse sentido (TIBA 2006, p. 127) enfatiza que “a maior força do professor está em seu desempenho na sala de aula, principal motivo da sua contratação. Portanto, ele não deve simplesmente fazer o que bem entender, sobretudo diante da indisciplina dos alunos, já que representa a escola. Numa instituição em que cada professor atua como bem entender, haverá, com certeza, discórdias entre o corpo docente, e os alunos saberão aproveitar-se dessas desavenças, jogando um professor contra outro”.

Por isso, é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes diante dos tipos de indisciplina mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor. Quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola. (TIBA 2006, p. 127)

4.7 Indisciplina e Aluno

O aluno é a peça fundamental do processo educativo. É a partir dele e para ele que toda a educação é pensada e dessa forma, o mesmo tem que ter consciência da sua participação no ambiente escolar para com a sua aprendizagem, que segundo Vasconcellos, a participação consciente e interativa em sala de aula é uma exigência para um ensino transformador. Vasconcellos ainda afirma que:

O aluno tem de fazer uma aprendizagem fundamental da convivência democrática: não abrir mão de forma alguma de sua dignidade, de seu

valor, todavia ao mesmo tempo, não passar por cima da dignidade do outro. Há que descobrir que sua afirmação não significa necessariamente a negação do outro, mas que, pelo contrário, a convivência com o outro o leva a potencializar e desenvolver-se. (VASCONCELLOS 2000, p.97)

Infelizmente, o alunado de hoje tem perdido a essência da educação; talvez por esperarem algo diferente da escola, talvez pelas limitações da sociedade, talvez pelo fracasso familiar, ou ainda pela “inadequação” da escola. O aluno está cada vez mais distante das boas questões educacionais, menos comprometido com a própria formação e muito mais indisciplinar e isso conseqüentemente, produzirá uma sociedade fracassada.

A educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretense individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. (DAYRELL, 2007, p. 2).

Ainda Dayrell (2007, p. 2-3) enfatiza que:

ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços.

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela. Por outro lado, a escola que ele frequenta apresenta especificidades próprias, não sendo uma realidade monolítica, homogênea. Podemos afirmar que a unidade escolar apresenta-se como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. (DAYRELL 2007, p. 24).

É preciso fazer o aluno reconhecer seus direitos e deveres, pois isso faz parte da vida cidadã e uma vida cidadã é viver em coletividade, amando e respeitando o seu próximo, reconhecendo que o meu direito termina quando o do outro começa.

Segundo Vasconcellos (2000) um dos problemas de base de sala de aula é o individualismo. Ninguém quer ceder um pouco de seu espaço. Não há amizade, não há amor real. Há necessidade de se superar a postura individualista (“o meu aprendizado, os meus problemas”), em direção a uma ética social, do coletivo. Fazer um aprendizado da solidariedade: ceder o seu espaço para o outro, por estar com necessidade mais básica que a sua.

Sendo assim, a aprendizagem é um aspecto para se compreender o sujeito. Pois, o aprender é um processo obrigatório para a construção do sujeito, sendo ele um ser humanizado pertencente a uma comunidade e ocupando nela um espaço. O aprender levará o sujeito a se construir, a ser um cidadão sociável consigo próprio, com os outros e com o mundo o qual está inserido.

Aprender para viver com os outros homens com quem o mundo é compartilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo preexistente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são ou outros. (CHARLOT, 2000, p. 53).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A referida pesquisa foi desenvolvida baseada na indisciplina no contexto da Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde para investigar suas causas, uma vez que esta tem tornando-se alvo de discussões e grande repercussão no meio educacional.

A partir das leituras e análise dos textos sobre o Coordenador Pedagógico e sua atuação frente à Indisciplina Escolar, sentiu-se a necessidade de elaborar uma entrevista voltada aos sujeitos participantes da escola campo: alunos, professores, gestores, supervisor pedagógico e família. As perguntas elaboradas referiam-se a indisciplina escolar, ambas direcionadas de acordo com o público entrevistado, pois era necessário conhecer o que eles pensavam sobre o referido assunto.

O questionário foi direcionado a uma pequena parte do público citado, o qual apontou a resposta de acordo com o conhecimento que tinha em relação à indisciplina. Foram entrevistados 30 alunos, 15 com faixa-etária entre 10 a 13 anos, 20 alunos entre 13 a 15 anos, 20 do gênero feminino e 15 do gênero masculino, ambos matriculados do 6º ao 9º ano. Foram entrevistados 14 docentes entre as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Filosofia e Educação Física, 02 gestores, 01 supervisor pedagógico e 10 famílias.

5.1 Resultados obtidos com as entrevistas

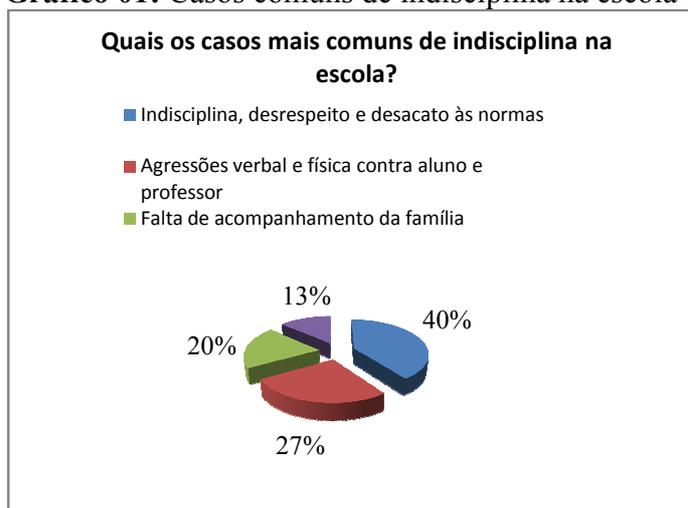
Nesta pesquisa foi possível detectar alguns fatores que colaboram e até mesmo viabiliza a indisciplina. Notoriamente a indisciplina está presente em nosso meio ocasionando vários descasos no processo educativo, e ao longo dos resultados obtidos verificou-se a quem são atribuídas às responsabilidades.

5. 1.1 Analisando as respostas dos docentes

A indisciplina surge como um “problema polêmico”, enfrentado por pais e professores. Os educandos apresentam dentro e fora de sala de aula atos violentos e agressivos que fere as normas de conduta. Sabe-se que todo problema tem uma origem, pois toda atitude tem suas raízes a qual deve ser investigada.

É importante que os educadores proporcionem um ambiente agradável, motivando seus educandos a conviver de forma harmoniosa, desenvolvendo uma didática que favoreça e motive uma interação em sala de aula. Como se observa, os aspectos motivadores da indisciplina que foram apontados, são os mais diversos e muitas vezes pelo fato do educador não dá atenção a estes aspectos, origina-se situações conflitantes que fogem do seu controle.

Gráfico 01: Casos comuns de indisciplina na escola



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

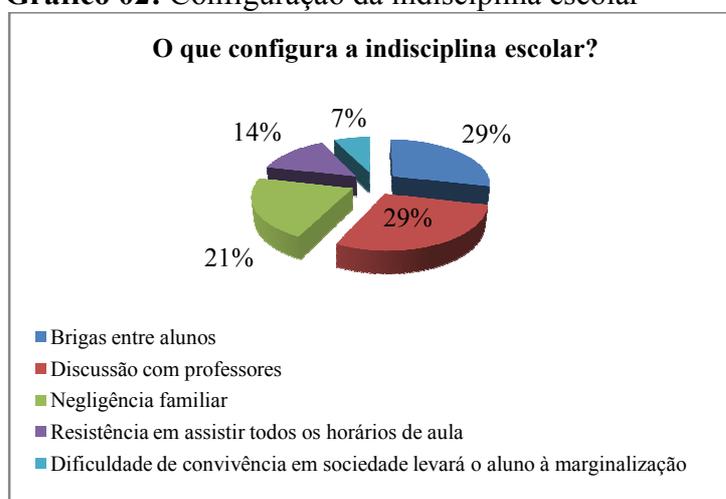
Sampaio (1997, p. 7) afirma que:

Para que a indisciplina não brote quase por geração espontânea é útil que o professor tenha bem presente a importância dos aspectos relacionais com os seus alunos. Se o professor continuar valorizar apenas a sua função de instrução (transmitir conhecimentos) é mais provável que os conflitos disciplinares apareçam.

Lidar com a indisciplina não é tarefa fácil por isso, Sampaio (1997) salienta que se faz necessário que o educador crie uma relação com os educandos, favorecendo o diálogo e aproximação valorizando a relação professor-aluno, aluno-professor sendo capaz de ouvi-los e compreendê-los evitando assim as situações indesejáveis de conflito.

Percebe-se como os educadores atribuem a configuração da indisciplina a diversos fatores tanto interno como externo, o perceptível na exposição do gráfico e de maior relevância são os aspectos oriundos do próprio ambiente escolar, o que deveria preocupar e no entanto deixa a desejar. Eles conseguem visualizar perfeitamente as atitudes dos educandos e elencar como sendo causadoras dos atos de indisciplina, mas em momento algum se coloca como um motivador da indisciplina escolar, alguém que contribui para sua existência, pelo contrário ele busca sempre um culpado para atribuir a responsabilidade.

Gráfico 02: Configuração da indisciplina escolar



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Não se observa uma postura afetiva dos educadores, ou estão ocupados demais com o conteúdo a ser transmitido, ou simplesmente ignoram as atitudes dos alunos.

Freire (1997, p. 60) afirma que:

A afetividade por parte do professor não o abdica de sua responsabilidade e de sua autoridade. Ressalta que a prática educativa vivida com alegria e afetividade não prescinde da formação científica séria e da clareza política dos educadores. Enquanto os professores não perceberem que é, também através da dinâmica relacional do docente com a turma e da análise detalhada do que se passa no seio do grupo que podem melhorar o ambiente da sala de aula, não obterão grandes resultados.

Nesse contexto, muitos professores acreditam que se criarem vínculos com os educandos perdem a autoridade e o respeito, porém, na prática não acontece dessa forma, pelo contrário tem muito a ajudá-los no convívio e afinidade com seus educandos.

A tabela abaixo expõe o grau de indisciplina considerada pelos educadores, onde evidenciaram a gravidade referente aos aspectos apontados, os quais são decorrentes do contexto de sala de aula praticados pelos educandos. A tabela mostra em seu resultado o que para os educadores é considerado como sendo uma violação grave e não grave. As opiniões foram expressas de acordo com a análise de cada um.

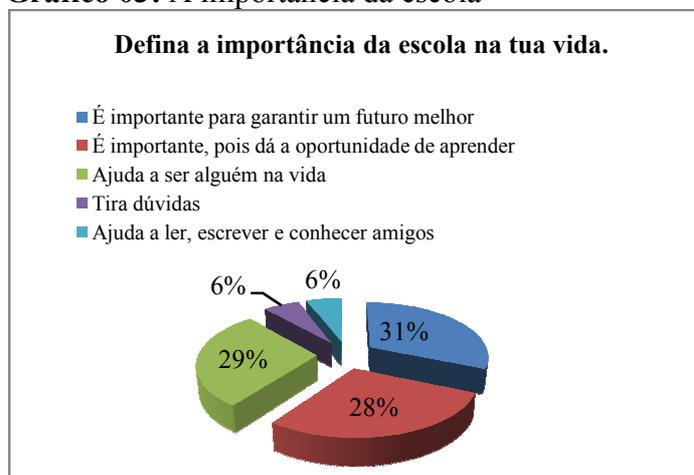
Tabela 01: Grau de gravidade dos tipos de indisciplina

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz alta	8	6		
Trocar mensagens e papelinhos	7	5	2	
Gozar os colegas		4	7	3
Fazer perguntas pouco adequadas à aula	5	6	2	1
Não acatar as ordens do professor		4	4	6
Recusar-se a trabalhar		4	7	3
Agredir os colegas				14
Agredir o professor				14

5.1.2 Analisando as respostas dos educandos

Nas respostas dos educandos foi possível perceber que são conhecedores da temática abordada, e que tem certa noção do que a escola poderá proporcioná-los, porém percebeu-se que parte deles apresentam ideias confusas em algum item. Foram elencadas perguntas que priorizou informações acerca da indisciplina e do ambiente familiar.

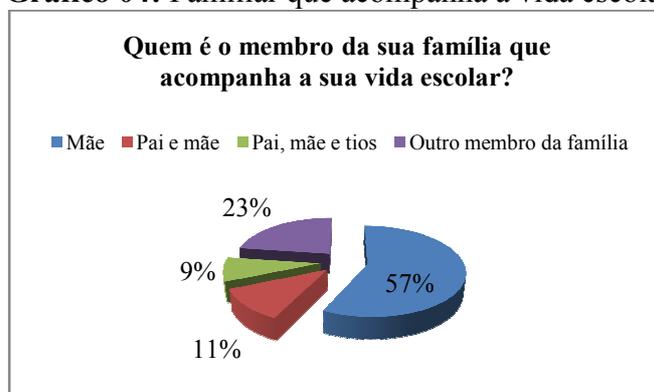
Gráfico 03: A importância da escola



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

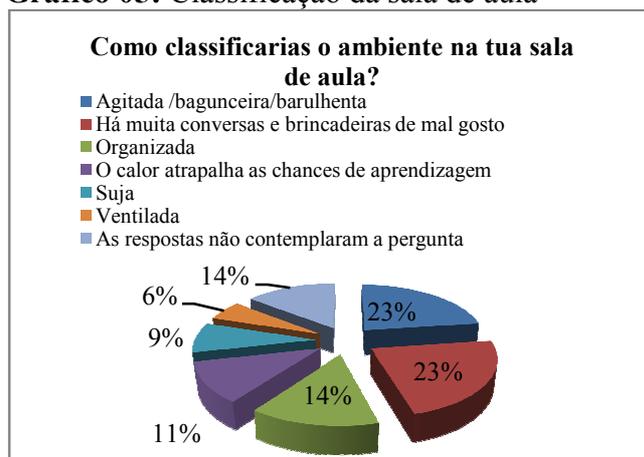
No que concerne ao acompanhamento escolar dos filhos verifica-se que nas respostas dos educandos o maior percentual se refere à mãe, pois como acontece na maioria das vezes à responsabilidade no contexto familiar no acompanhamento escolar dos filhos, é atribuída à figura materna, e em outros casos a outro membro da família. Nos dias atuais a família “perdeu” o espaço que antes tivera no sentido da formação dos filhos. Muitos pais quase sempre ausentes, às vezes por trabalharem demais, deixam a responsabilidade que deveria ser dividida entre ambos. Em outros casos, os genitores jogam toda a responsabilidade a outro membro familiar ou a escola, dessa forma prejudica o processo educacional gerando a indisciplina e posteriormente o fracasso escolar.

Gráfico 04: Familiar que acompanha a vida escolar



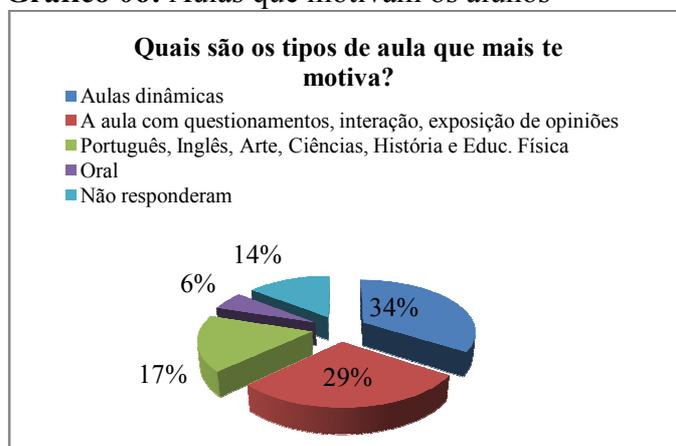
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Relacionado ao ambiente da sala de aula foi possível perceber que os educandos elencaram uma diversidade de fatores para caracterizar o espaço da sala de aula, porém parte dos aspectos apontados por eles são geradores de indisciplina e estão relacionados ao comportamento. Elencaram ainda aspectos da infraestrutura e os demais não corresponderam com o proposto.

Gráfico 05: Classificação da sala de aula

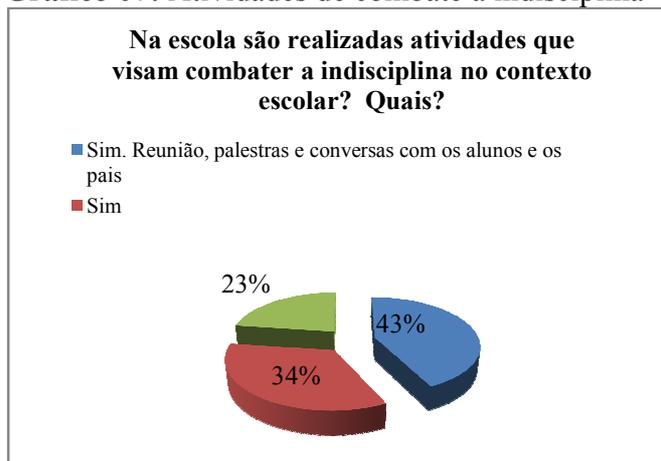
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Nesse sentido, a maior parte dos educandos demonstrou ter conhecimento do que seja uma aula dinâmica que desperte seu interesse, que envolva toda a sala de aula e proporcione interação entre todos. Segundo o gráfico as preferências apresentadas aponta em parte como eles veem as aulas ministradas e como gostariam que fossem.

Gráfico 06: Aulas que motivam os alunos

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

As atividades que a escola desenvolve para combater a indisciplina, na sua maioria não estão diretamente voltadas à indisciplina escolar, e alguns educandos não souberam apontar quais atividades a escola realiza. Outros tiveram dúvidas e dificuldades em responder e apontou o Programa Mais Educação como sendo uma ação voltada para combater a indisciplina.

Gráfico 07: Atividades de combate à indisciplina

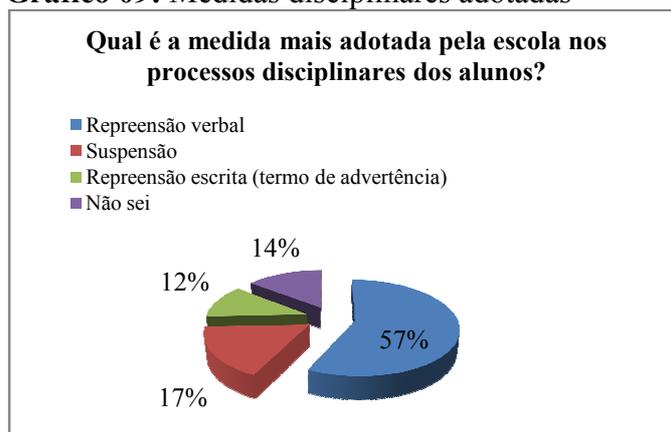
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

A maior parte dos educandos apontou a estrutura familiar como responsável por grande parte da indisciplina, confrontando-se posteriormente com a metodologia do professor e o ambiente escolar. O resultado aqui exposto provoca uma alerta associada ao gráfico 04 que aponta o membro da família que acompanha a sua vida escolar, deixa em evidência que os dois resultados não estão dissociados e merece um novo olhar.

Gráfico 08: Concepção de indisciplina

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Nos resultados obtidos os educandos mostraram algumas medidas executadas, que na maioria das vezes não ajudam no seu processo disciplinar, é preciso repensar as ações punitivas aplicadas, elas são necessárias, porém em contra partida devem ser ressignificadas para combater a sua reincidência.

Gráfico 09: Medidas disciplinares adotadas

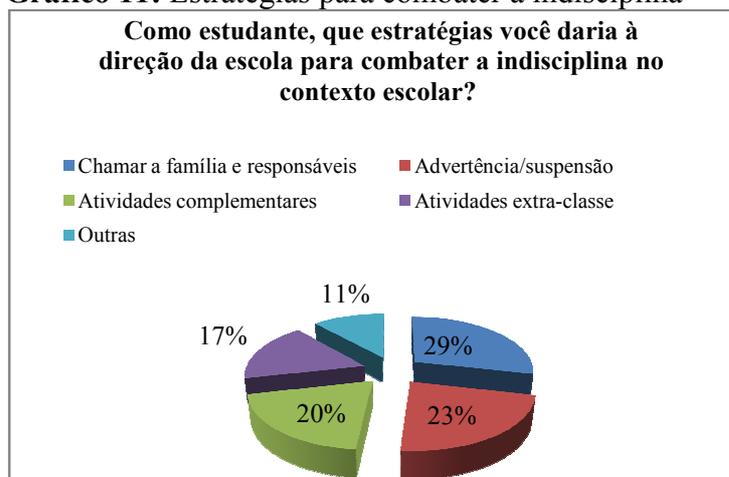
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

O exagero de repressão dos educadores e gestores, o autoritarismo, regras rígidas na escola e intolerância dos alunos ou ao contrário a permissividades e o excesso de liberdade também poderão provocar a indisciplina. Pois, apontam um crescimento nas preocupações acerca do relacionamento dos atores escolares relacionado aos atos de indisciplina. As medidas adotadas nem sempre correspondem e muito menos ajudam a disciplinar o educando, ele próprio afirma na sua resposta que a medida adotada não é a melhor solução.

Gráfico 10: Suspensão como solução punitiva

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Entre as estratégias sugeridas no combate a indisciplina escolar, verifica-se que os educandos acreditam que a presença da família pode ajudar nesse processo, a sua visão vem consolidar o que se vem tratando no decorrer desta pesquisa, ou seja, a família deve acompanhar o processo educacional dos filhos.

Gráfico 11: Estratégias para combater a indisciplina

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

5.1.3 Entrevista dos gestores

Os dois gestores entrevistados apontaram como os casos mais comuns de indisciplina a falta de respeito entre os alunos, à desobediência e desrespeito aos professores, falar em voz alta e o comportamento contrário do que é permitido no ambiente escolar. A dupla gestora descreveu como configuração da indisciplina, a ausência da família na escola, a criação e falta de valores, o desinteresse dos educandos e criticaram as regras da escola como muito flexíveis. Afirmaram que há muitos casos de indisciplina, dentre eles alunos agressivos, violentos e mal comportados que prejudicam o andamento das aulas.

E como providências adotadas pela escola para combater a indisciplina, citaram os incansáveis diálogos com os alunos com a presença do professor, gestão e da família quando necessário, reunião de pais, termo de advertência, suspensão do educando e palestra com o Conselho Tutelar. Com relação ao grau de gravidade de outros itens relacionados à indisciplina, opinaram conforme tabela abaixo.

A tabela abaixo mostra a gravidade apontada pelos gestores com relação alguns aspectos que se caracterizam como indisciplina no contexto de sala de aula, mostrando o que a dupla gestora considera como grave e não grave.

Tabela 02: Grau de gravidade dos tipos de indisciplina

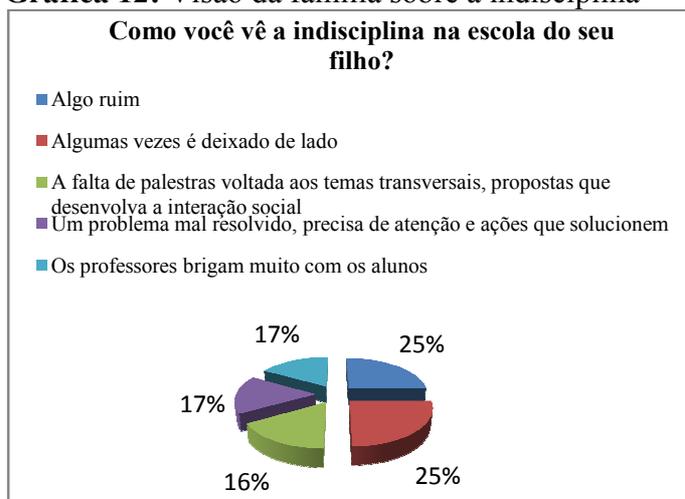
	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz alta		1		1
Trocar mensagens e papelinhos		1	1	
Gozar os colegas				2
Fazer perguntas pouco adequadas à aula		2		
Não acatar as ordens do professor		1		1
Recusar-se a trabalhar			1	1
Agredir os colegas			1	1
Agredir o professor				2

Outro fator relevante destacado pela gestão tinha relação ao envolvimento da escola com as famílias e comunidade, a dupla gestora considera um bom envolvimento, mas ressaltou que precisa melhorar em alguns aspectos. A escola promove várias atividades, dentre elas destacaram reuniões periódicas e eventos com a participação das famílias e comunidade. Porém, nestes momentos ainda há pouca participação das famílias e comunidade, mas ressaltaram que está caminhando para uma relação mais dinâmica, pois ainda não é satisfatória a relação escola e família, precisa-se de alguns ajustamentos para que de fato essa parceria funcione na sua totalidade.

5.1.4 Analisando as respostas das famílias

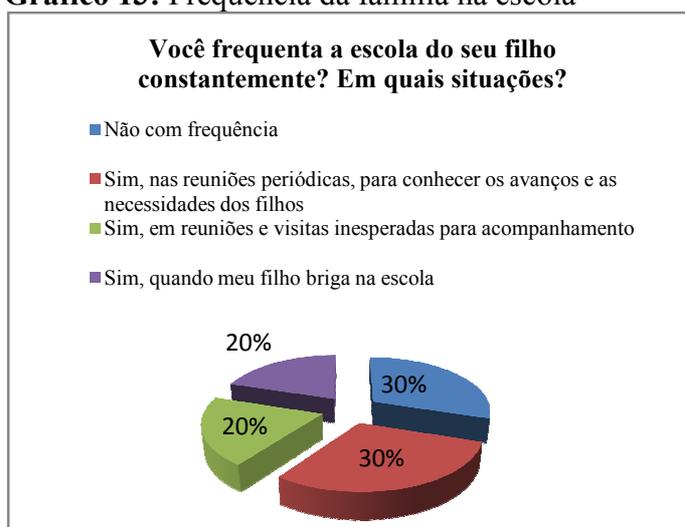
No processo da pesquisa foi possível entrevistar uma pequena parte das famílias dos educandos que, embora atrelados às tarefas do dia a dia, falta de tempo e receio em participar da entrevista, conseguiram colaborar com a proposta da pesquisa.

O gráfico a seguir ressalta como os pais veem a indisciplina na escola do seu filho, considerando o que a mesma seria e até por vezes culpando a escola por deixar de realizar algumas atividades para tratar do assunto.

Gráfico 12: Visão da família sobre a indisciplina

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

A frequência com que os pais vão a escola muitas vezes é questionada, principalmente quando o assunto envolve a indisciplina dos educandos. Em muitos casos a família por vários motivos não conseguem acompanhar a vida escolar do seu filho, as que conseguem um tempo para essa missão geralmente não é com tanta assiduidade, e isso acaba ocasionando uma sobrecarga para a escola que não consegue lidar com as situações rotineiras de indisciplina.

Gráfico 13: Frequência da família na escola

Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Diante dos resultados obtidos com as famílias observa-se a fragmentação que ainda persiste quando se trata do acompanhamento dos filhos na escola. Percebe-se que embora frequentarem a escola, ainda não é espontâneo e rotineiro por parte da maioria, é preciso pensar em políticas educacionais eficazes que assegurem a participação e permanência da família na escola.

Segundo Tiba (2009, p.183)

A escola, ao perceber qualquer dificuldade com seu aluninho, também poderia chamar os respectivos pais e implantar a educação a seis mãos. Juntos, pais e escola podem combinar os critérios educativos levando em conta as duas mãos, a do coração, afeto e sentimento da cabeça (raciocínio e pensamento) dos três personagens mais importantes da educação da criança: mãe, pai e escola.

Gráfico 14: Episódio de indisciplina



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

A escola sempre precisará dos pais de seus educandos, para assim solucionar os problemas existentes na escola, ajustando critérios educativos com o amparo das famílias. Dessa forma, a escola irá proporcionar valores semelhantes aos adquiridos no lar, fazendo com que o educando aprenda a ser social reconhecendo-se como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, bem como cidadão em pleno desenvolvimento e com capacidades intelectuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o contexto abordado e da pesquisa desenvolvida para este trabalho, afirmo que o processo de construção profissional do coordenador pedagógico deve ser contínuo no aperfeiçoamento de suas atribuições e competências, bem como, conseqüentemente, no enfrentamento da indisciplina. Uma vez que tanto esta quanto a profissão mudam e assumem novos significados de acordo com a história da sociedade.

Muito se caminhou para se chegar à coordenação pedagógica como uma função com diretrizes próprias. Isso acarretou mudanças que também acompanharam o movimento da história da sociedade e da educação. É notório que pautas e demandas postas aos profissionais da educação trazem consigo uma carga social que, predominantemente, pertence a uma ordem vigente, uma vez que a educação, além de um direito social, é também uma ferramenta.

Nesse sentido, pode ser usada de formas distintas: uma delas como mecanismo essencial para o empoderamento de uma classe, para rupturas, para abrir caminhos e a mente. Inversamente proporcional a isto, ela também pode servir como aparato de controle social de uma classe por outra, dependendo da ordem social hegemônica. Nesse último ponto, a situação pode ser muito negativa se quem se utilizar disso prejudicar e impor ordens abusivas como no período da ditadura militar, por exemplo.

Partindo dessa premissa, a pesquisa contemplou a realidade local da Unidade Escolar Eleodória Jacinta Cantanhêde para vivenciar a atuação desse profissional, seus conflitos e desafios frente ao contexto da indisciplina escolar. Para tanto, fez-se um levantamento dos dados da escola desde sua estrutura física aos aspectos pedagógicos, levando em consideração a realidade social dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem.

Dessa forma, é essencial que o coordenador pedagógico não se prenda ao imediatismo no seu trabalho, mas que faça uma leitura crítica da realidade e também uma reflexão. Que faça recortes sociais, que considere o contexto educacional do seu país, da sua cidade, da instituição na qual atua e que consiga analisar as particularidades do seu local de trabalho e dos educandos. Isso é preponderante para o enfrentamento da indisciplina, no sentido de não sucumbir ao pragmatismo e às ações mecânicas. Embora, muitas demandas peçam atitudes mais rápidas, é importante que nada seja feito sem reflexão e análise.

Portanto, é necessário que haja uma reflexão contínua, principalmente por parte dos coordenadores pedagógicos, bem como dos profissionais da educação, acerca da serventia da educação na atualidade frente aos desafios e atuação do coordenador pedagógico na tentativa de contribuir com a escola para diminuir a indisciplina. Uma vez inserido num contexto de um país onde a educação ainda precisa caminhar muito em prol de um melhor desenvolvimento, o profissional dessa área deve ter os sentidos atentos e sensíveis para compreender seu contexto social e aplicar suas habilidades de forma sábia.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso, 1937 – **Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sal de aula** / Celso Antunes. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- AUGUSTO, Silvana. **Desafios do coordenador pedagógico**. Nova Escola. São Paulo, nº 192, maio de 2006. Disponível em <<http://gestaoescolar.org.br/formacao/desafios-coordenador-pedagogico-546602.shtml>>. Acesso em: 15 de set. 2016.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 de set. 2016.
- CARDOSO, Priscila Fernanda G. **Do trabalho à Criação dos Valores: Entendendo a Relação do Homem com a natureza e os outros homens**. In *Ética e projetos profissionais: Os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil*. São Paulo. Papel Social, 2013.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo** / Moaci Alves Carneiro. 23. ed. revista e ampliada. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- COLL, César S. **Psicologia da educação**. Editora Artmed, 1999.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação psicológica evolutiva**. Editora Artmed, 1995.
- COSTA, Alexandre. **Evolução histórica da coordenação e supervisão pedagógica**. Disponível em <<http://www.rhportal.com.br/artigos-rh/evolucao-historica-da-coordenacao-e-superviso-pedagogica/>> Acesso em 15 Nov.2016.
- CUSINATO, Maria Nazareth Cardoso. **O novo olhar do supervisor de ensino: um ideal a atingir**. Araraquara – São Paulo. 2007. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1049.pdf > Acesso em 09 Nov. 2016.
- DAYRELL, Juarez. **A Escola “Faz” As Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Campinas. Out 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>> Acesso em 14 Dez. 2016.
- FERREIRA, Naura Silva C. (Coord.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERREIRA, Naura Silva C. **Supervisão educacional uma reflexão crítica**. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GARCIA, Joe. **Representações dos professores sobre indisciplina escolar**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 311-324, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>> Acesso em 29 Agos. 2016.

JÚNIOR, Celestino Alves da Silva. Mary Rangel (orgs). **Nove olhares sobre a supervisão**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da sua escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 18 ed. Loyola: São Paulo. 2002.

MARA, Raquel. **A função supervisora numa perspectiva histórica**. Publicado em 18 de novembro de 2009. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/a-funcao-supervisora-numa-perspectiva-historica/28282/>> Acesso em 29 Set. 2016.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola** / Silvia Parrat-Dayan. – São Paulo: Contexto, 2008.

PAVIANI, Bruno. **Educação Moral e cívica na ditadura militar brasileira: uma tentativa de legitimar o poder**. XXV Semana de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Londrina. 2014.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza e Almeida, Laurinda Ramalho de (org). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RANGEL, Mary. **Supervisão pedagógica: princípios e práticas**. (org). – Campinas, SP: Papyrus, 2001. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

REIS, Sandra. **Bernard Charlot e a relação com o saber**. Nov. 2012. Postado por Sandra Reis. Disponível em <<http://saberaprenderes.blogspot.com.br/2012/11/bernard-charlot-e-relacao-com-o-saber.html>> Acesso em 14 Dez 2016.

RODRIGUES, Creonide Cavalcante dos Santos. **O desafio atual da supervisão escolar na formação continuada de professores**. Disponível em <http://www.Fapb.edu.br/media/files/2/2_350.pdf> Acesso em 15 Nov.2016.

SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação: Trajetória, Limites e Perspectivas**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SILVA, Graziela Triches da. **Supervisor pedagógico: formador ou fiscalizador**. Disponível em <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Canoas, v. 18, n. 2, julho./dez. 2013.> Acesso em 15 Nov.2016.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa. Novos paradigmas** / Içami Tiba. – Ed. rev. Atual. e ampl. – São Paulo: Integrare Editora, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 11ª Ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos pedagógicos do Libertad; v. 4)

VASQUEZ, Adolfo Sanches. **Ética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

VERGÉS, Maritza Rolim de Moura; SANA, Marli Aparecida. **Limites e indisciplina na educação infantil**. Campinas, SP. Editora Alínea, 2009. 2ª edição.

APÉNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA
CANTANHÊDE ANO LETIVO 2016

APÊNDICE 01: QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR (A)

Título da pesquisa: Os Desafios do Coordenador Pedagógico Frente à Indisciplina Escolar

Este questionário pretende recolher informações sobre a indisciplina em contexto escolar.

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

- Feminino
 Masculino

2. Vínculo profissional

- Contratado (a)
 Efetivo (a)

3. Anos de docência

- Menos de 5 anos
 De 5 a 10 anos
 De 11 a 20 anos
 Mais de 20 anos

4. Anos de serviço na escola

- Menos de 5 anos
 De 5 a 10 anos
 De 11 a 20 anos
 Mais de 20 anos

5. Qual a sua formação acadêmica?

6. Quais os casos mais comuns de indisciplina na escola?

7. O que configura a indisciplina escolar?

8. Na sua opinião qual é o grau de gravidade dos seguintes tipos de indisciplina?

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz alta				
Trocar mensagens e papelinhos				
Gozar os colegas				
Fazer perguntas pouco adequadas à aula				
Não acatar as ordens do professor				
Recusar-se a trabalhar				
Agredir os colegas				
Agredir o professor				



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA
CANTANHÊDE ANO LETIVO 2016

APÊNDICE 02: QUESTIONÁRIO DO ALUNO (A)

Título da pesquisa: Os Desafios do Coordenador Pedagógico Frente à Indisciplina Escolar

Este questionário pretende recolher informações sobre a indisciplina em contexto escolar.

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade

- () 10 a 12 anos
 () 13 a 15 anos
 () 16 a 18 anos
 () Mais de 18 anos

2. Gênero

- () Feminino
 () Masculino

3. Ano de escolaridade que frequenta

- () 6º Ano
 () 7º Ano
 () 8º Ano
 () 9º Ano

4. Defina a importância da escola na tua vida

5. Quem é o membro da sua família que acompanha a sua vida escolar

6. Como classificarias o ambiente na tua sala de aula?

7. Quais são os tipos de aula que mais te motiva?

8. Na escola são realizadas atividades que visam combater a indisciplina no contexto escolar? Quais?

9. Na tua concepção a indisciplina escolar:

- É decorrente do ambiente escolar
- É decorrente da estrutura familiar
- Atrapalha o desenvolvimento escolar
- É decorrente da metodologia do professor

10. Qual é a medida mais adotada pela escola nos processos disciplinares dos alunos?

- Repreensão verbal
- Repreensão escrita (termo de advertência)
- Suspensão
- Contrato / Negociação
- Não sei

11. Achas que a suspensão é a melhor maneira de combater a indisciplina na escola?

- Sim
- Não

12. Como estudante, que estratégias você daria à Direção da escola para combater a indisciplina no contexto escolar?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

**A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA
CANTANHÊDE ANO LETIVO 2016**

APÊNDICE 03: QUESTIONÁRIO DO (A) GESTOR (A) ESCOLAR

Título da pesquisa: Os Desafios do Coordenador Pedagógico Frente à Indisciplina Escolar

Este questionário pretende recolher informações sobre a indisciplina em contexto escolar.

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

() Feminino

() Masculino

2. Vínculo profissional

() Contratado (a)

() Efetivo (a)

3. Anos de docência

() Menos de 5 anos

() De 5 a 10 anos

() De 11 a 20 anos

() Mais de 20 anos

4. Anos de serviço na escola

() Menos de 5 anos

() De 5 a 10 anos

() De 11 a 20 anos

() Mais de 20 anos

5. Qual a sua formação acadêmica?

6. Quais os casos mais comuns de indisciplina na escola?

7. O que configura a indisciplina escolar?

8. Há muitos casos de indisciplina? Quais?

9. Quais são as providências adotadas pela escola no combate a indisciplina?

10. Na sua opinião qual é o grau de gravidade dos seguintes tipos de indisciplina?

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz alta				
Trocar mensagens e papelinhos				
Gozar os colegas				
Fazer perguntas pouco adequadas à aula				
Não acatar as ordens do professor				
Recusar-se a trabalhar				
Agredir os colegas				
Agredir o professor				

11. Qual o envolvimento da escola com as famílias e a comunidade?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

**A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA
CANTANHÊDE ANO LETIVO 2016**

APÊNDICE 04: QUESTIONÁRIO DA FAMÍLIA

Título da pesquisa: Os Desafios do Coordenador Pedagógico Frente à Indisciplina Escolar

Este questionário pretende recolher informações sobre a indisciplina em contexto escolar.

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

() Feminino

() Masculino

2. Qual a sua formação acadêmica?

3. Como você vê a indisciplina na escola do seu filho?

4. Você frequenta a escola do seu filho constantemente? Em quais situações?

5. Já houve algum episódio de indisciplina envolvendo o seu filho?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

A INDISCIPLINA NA UNIDADE ESCOLAR ELEODÓRIA JACINTA
CANTANHÊDE ANO LETIVO 2016

APÊNDICE 05: QUESTIONÁRIO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Título da pesquisa: Os Desafios do Coordenador Pedagógico Frente à Indisciplina Escolar

Este questionário pretende recolher informações sobre a indisciplina no contexto escolar.

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

Feminino

Masculino

2. Vínculo profissional

Contratado (a)

Efetivo (a)

3. Anos de docência

Menos de 5 anos

De 5 a 10 anos

De 11 a 20 anos

4. Anos de serviço na escola

Menos de 5 anos

De 5 a 10 anos

5. Qual a sua formação acadêmica?

6. Quais são as atividades desenvolvidas por você na escola?

7. Como é a sua relação com os professores da escola?

8. Quais são os problemas de indisciplina enfrentados, e quais são as intervenções positivas adotadas no cotidiano escolar pela gestão e por você enquanto coordenador pedagógico?

9. Como você observa a relação professor-aluno no que se refere à indisciplina?